

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS - CESP**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INDÍGENA NA MANUTENÇÃO DA**  
**IDENTIDADE CULTURAL AMAZONENSE**

**PARINTINS - AM**

**2025**

**SUELY GOMES MARIALVA**

**IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INDÍGENA NA MANUTENÇÃO DA  
IDENTIDADE CULTURAL AMAZONENSE**

Monografia apresentada como exigência parcial para aquisição do título de graduação à Universidade do Estado do Amazonas, na área de Licenciatura - Língua Portuguesa sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Delma Pacheco Sicsú.

**PARINTINS - AM**

**2025**


**SUELY GOMES MARIALVA**

**IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INDÍGENA NA MANUTENÇÃO DA  
IDENTIDADE CULTURAL AMAZONENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa- da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Licenciada(o) em Letras.

Aprovado em: 26 / 06 / 2025

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Delma Pacheco Sicsú  
Orientadora – Presidente CESP/UEA



---

Prof.<sup>o</sup>. Me. Alex Viana Pereira  
Membro Externo – SEMED/BARREIRINHA



---

Prof.<sup>o</sup>. Me. Luís Alberto Mendes de Carvalho  
Membro Interno – CESP/UEA

**PARINTINS-AM  
2025**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

M333i	<p>Marialva, Suely Gomes</p> <p>Importância da literatura indígena na manutenção da identidade cultural amazonense / Suely Gomes Marialva . Manaus : [s.n], 2025.</p> <p>64 f.: color.; 21,0 cm.</p> <p>TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.</p> <p>Inclui Bibliografia.</p> <p>Inclui Apêndice.</p> <p>Inclui Anexo.</p> <p>Orientador: Sicsú, Delma Pacheco.</p> <p>1. Literatura Indígena . 2. Identidade cultural . 3. Visibilidade . 4. Preconceitos. 5. Estereótipos. I. Sicsú, Delma Pacheco (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título</p> <p>CDU(1997)81</p>
-------	--

*Aos meus pais, que estiveram ao meu lado durante todo o processo, seu apoio foi fundamental para que eu pudesse alcançar meus objetivos. À Deus que é minha fonte de vida e inspiração.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pelo fôlego da vida e por me dar forças para superar os desafios que surgiram ao longo da caminhada acadêmica.

Aos meus pais, que sempre estiveram comigo nos bons e maus momentos, por sempre acreditarem no meu potencial e por todo amor recebido.

Aos meus irmãos, Paulo Henrique, Ana Karolina, Isaque Gomes, por todo apoio e amor.

À um ser pequenininho de 2 anos que alegria os meus dias e me ajuda a esquecer os problemas do dia a dia, Liz Antonella.

Aos meus avós, Raimundo de Souza, Eugênia Evangelista, João Gama e Eliete Souza. Por todo ensinamento recebido que de alguma forma contribuiu para a construção da minha identidade.

Ao meu tio Kedson Junior e minha prima Ruth Jussara, que sempre torceram por mim e me apoiaram.

Aos meus professores, que foram peças fundamentais nesse processo e contribuíram significativamente para a construção do meu conhecimento.

Aos meus colegas, por tornarem os dias cansativos se tornarem mais leves e de alguma forma contribuíram na minha formação acadêmica, pelas risadas, guardarei cada um no meu coração.

Às minhas amigas da faculdade, Graciene Castro, Aline Batalha e em especial Walessa Conceição, que nunca largou da minha mão e sempre esteve torcendo pelas minhas conquistas, uma apoiando a outra o tempo todo. Uma amizade que levarei para além da universidade.

À direção da Escola Lila Maia, na pessoa do professor Francisco, que me acolheu de forma receptiva, permitindo que eu concluísse a minha pesquisa de campo. À professora Elda Jane, expresso minha gratidão por ter me permitido trabalhar com sua turma, o que foi fundamental para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Em especial, agradeço à minha orientadora Delma Pacheco Sicsú por me apresentar ao universo da Literatura Indígena e me inspirar a mergulhar mais profundamente na temática indígena, por todo conhecimento repassado que foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Sou profundamente grata por sua orientação, pois sem ela não teria conseguido concluir essa pesquisa.

*Quem busca seu povo precisa escutar,  
Deixar que o velho lhe conte a verdade.  
Pois etnicidade não é só lembrar,  
É ser, é viver, é ancestralidade.  
(Márcia Kambeba)*

## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Importância da Literatura Indígena na manutenção da identidade cultural amazonense” tem por objetivo analisar a presença da Literatura Indígena na sala de aula como uma ferramenta pedagógica capaz de contribuir na manutenção da identidade cultural amazonense. A pesquisa foi realizada em uma escola pública localizada no município de Parintins e fundamentou-se em autores como Corrêa (2019), Dorrico (2020), Santos (2006), Silva (2017), Kambeba (2020), dentre outros. O método utilizado foi o fenomenológico com abordagem qualitativa, por meio da pesquisa de campo e bibliográfica. Os sujeitos da pesquisa foram duas professoras de Língua Portuguesa e alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário com perguntas abertas direcionadas às professoras e aos alunos, além de duas propostas de oficinas pedagógicas. Esta pesquisa reflete sobre a importância de levar a Literatura Indígena para sala de aula, com intuito de trazer visibilidade ao indígena e desconstruir preconceitos e estereótipos sobre o mesmo. Contudo, por meio do estudo realizado, constatou-se que existe uma lacuna significativa no ensino da Literatura Indígena na sala de aula. Um dos principais desafios enfrentados pelos professores é a ausência de obras da Literatura Indígena, o que resulta na falta de abordagem dessas obras no contexto escolar e conseqüentemente na desvalorização e falta de reconhecimento da origem da nossa identidade cultural. Para superar esses desafios propõe-se oferecer formação continuada na área de Literatura Indígena para professores, pois muitos não tiveram especialização específica ou disciplina para trabalhar com esse tema em sala de aula, outra sugestão seria disponibilizar obras de Literatura Indígena em material digital gratuito, o que facilitaria o acesso e melhoraria significativamente do ensino dessa literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** LITERATURA INDÍGENA. IDENTIDADE CULTURAL. VISIBILIDADE. PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS.

## ABSTRACT

The main objective of this Final Course Work, entitled “Importance of Indigenous Literature in the maintenance of the Amazonian cultural identity”, is to analyze the presence of Indigenous Literature in the classroom as a pedagogical tool capable of contributing to the maintenance of the Amazonian cultural identity. The research was carried out in a public school located in the municipality of Parintins and was based on authors such as Corrêa (2019), Dorrico (2020), Santos (2006), Silva (2017), Kambeba (2020), among others. The method used was phenomenological with a qualitative approach, through field and bibliographic research. The research subjects were two Portuguese Language teachers and 8th grade students of Elementary School. Data collection was carried out through a questionnaire with open questions directed to the teachers and students, in addition to two proposals for pedagogical workshops. This research aims to reflect on the importance of bringing Indigenous Literature to the classroom, with the intention of bringing visibility to indigenous people and deconstructing prejudices and stereotypes. However, through the study carried out, it was found that there is a significant gap in the teaching of Indigenous Literature in the classroom. One of the main challenges faced by teachers is the absence of works of Indigenous Literature, which results in the lack of approach to these works in the school context and consequently in the devaluation and lack of recognition of the origin of our cultural identity. To overcome these challenges, it is proposed to offer continuing education in the area of Indigenous Literature for teachers, since many have not had specific specialization or discipline to work with this topic in the classroom. Another suggestion would be to make works of Indigenous Literature available in free digital material, which would facilitate access and significantly improve the teaching of this content.

**KEY-WORDS:** INDIGENOUS LITERATURE. CULTURAL IDENTITY. VISIBILITY. PREJUDICES AND STEREOTYPES.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	12
1.1 LITERATURA INDÍGENA NA SALA DE AULA .....	12
1.2 INFLUÊNCIA DO INDÍGENA NA IDENTIDADE CULTURAL DE UM POVO.....	15
1.3 DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS .....	20
1.4 LETRAMENTO LITERÁRIO DE RESISTÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INDÍGENA NA FORMAÇÃO DO LEITOR .....	22
1.5 IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INDÍGENA NA MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL AMAZONENSE.....	25
<b>CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	28
<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	31
3.1 OFICINA: DESCONSTRUINDO PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS .....	31
3.2 OFICINA: A ARTE INDÍGENA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA E AFIRMAÇÃO CULTURAL .....	34
3.3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS (ESTUDANTES).....	37
3.4 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS (PROFESSORAS) .....	46
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	52
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	54
<b>APÊNDICES</b> .....	56
<b>ANEXOS</b> .....	58

## INTRODUÇÃO

Antes de iniciar essa discussão é importante diferenciar a literatura indigenista da literatura indígena. Aquela é conhecida por ser uma literatura sobre os povos indígenas escrita por não autóctones, enquanto a literatura indígena em si é escrita pelos próprios indígenas.

Em relação ao seu tempo de existência, se formos considerar a questão da temporalidade de existência dos povos originários desde os seus antepassados, podemos perceber que eles realizaram seus registros no mundo desde o tempo mitológico, por já aí percebemos a presença desses escritos. Um exemplo desse fator, é o deus da escrita Munduruku, Muray-coko, sendo o primeiro a converter seu pensamento em imagem, fazendo uso da tinta vermelha tradicional conhecida como “sura”, aplicadas em estrutura rochosas, que ficou conhecido como surabododot.

A problemática reside no fato de que o pensamento ocidental passou a considerar a escrita um modelo de expressão de maior prestígio, por isso os povos indígenas por serem povos ágrafos, isto é, “sem escrita alfabética”, foram vistos como inferiores aos olhos dos colonizadores e como consequência passaram a ser invisibilizados e esquecidos. Para mudar esse contexto da história, o indígena passou a se apropriar da escrita ocidental com intuito de manter a sua identidade cultural.

Com isso vemos a importância que a escrita tem para os indígenas, pois por meio dessa técnica a história dos povos originários pode ser contextualizada individualmente ou em conjunto. A escrita passa também a ser portadora da referência, da identidade, da ação e memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, e suas diferentes formas de expressão. Diante desse contexto, destaca-se a literatura indígena e sua importância no registro da história, memória, tradições e saberes dos diferentes grupos étnicos que cada escritor(a) pertence.

O trabalho intitulado “Importância da Literatura Indígena na manutenção da identidade cultural amazonense” parte da necessidade de introduzir a Literatura Indígena no contexto escolar, visando promover uma experiência diversificada e enriquecedora sobre os povos indígenas reconhecendo sua grande influência na construção da nossa identidade cultural. Nesse sentido, compreende-se que a presença da Literatura Indígena na sala de aula pode contribuir com a desconstrução de preconceitos e estereótipos, fazendo com que os alunos percebam a importância e influência dos povos originários para nossa cultura. Essa pesquisa

teve como ferramenta pedagógica livros de autoria indígena trabalhando o letramento literário de resistência e sua contribuição na construção do leitor crítico e consciente da sua identidade.

A identidade cultural do povo Parintinense, por exemplo, é marcada pela culinária, hábitos da caça e pesca, prática do artesanato, costumes e rituais indígenas que estão presentes no nosso cotidiano. Nossa identidade cultural é também reflexo da cultura indígena. Por isso a importância de valorizarmos esses povos e adotarmos uma atitude de respeito e reconhecimento por eles.

O interesse pela temática surgiu da percepção da ausência da literatura indígena na sala de aula durante a minha vida estudantil. Ao conhecer obras da literatura indígena durante a vida acadêmica fiquei encantada com a riqueza do contexto amazônico apresentado nos livros de autores indígenas amazonenses. Essas obras não apenas instigaram meu gosto pela leitura, mas também contribuíram para desconstruir minha visão sobre os povos indígenas, permitindo-me ter um novo olhar sobre eles. Quando percebemos a importância da Literatura Indígena, constatamos que essas obras podem facilitar o aprendizado do aluno em diferentes assuntos, por apresentar nosso contexto e diversidade cultural de forma enriquecedora.

A presente pesquisa tem como objetivos específicos: 1) analisar a ausência da literatura indígena na sala de aula; 2) descrever a influência do indígena na identidade cultural de um povo; 3) desenvolver o letramento literário por meio dessas obras, reconhecendo sua importância.

A relevância dessa pesquisa parte da importância de trabalhar a Literatura Indígena na sala de aula com intuito de contribuir para a formação do leitor crítico e consciente da sua identidade. Além disso, busca-se levar o estudante ao questionamento sobre a sua origem, tornando as aulas de Língua Portuguesa mais instigantes, bem como contribui para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre a Literatura Indígena.

Com relação aos capítulos deste estudo, o primeiro estrutura-se em Referencial Teórico tendo como principais autores Corrêa (2019), Dorrico (2020), Santos (2006), Silva (2017), Kambeba (2020), dentre outros. No qual abordam as temáticas centrais do ensino da Literatura Indígena na sala de aula.

No segundo capítulo, abordaremos o percurso metodológico, apresentando as técnicas utilizadas na pesquisa. Foi utilizado o método fenomenológico com abordagem qualitativa, por meio da pesquisa de campo e bibliográfica. Os sujeitos da pesquisa foram duas professoras de Língua Portuguesa e alunos do 8º ano do Ensino Fundamental.

O terceiro capítulo, corresponde à análise e discussão dos resultados, que incluiu a aplicação das oficinas: “Desconstruindo preconceitos e estereótipos”; “Arte indígena como

forma de resistência e afirmação cultural” e a aplicação de questionário direcionado aos alunos e professores de Língua Portuguesa.

Por fim, abordamos nas considerações finais uma compreensão aprofundada que reforçam a importância de se trabalhar a Literatura Indígena na sala de aula como ferramenta pedagógica que pode trazer reconhecimento sobre a origem da nossa identidade cultural e trazer visibilidade a Literatura Indígena, além de desconstruir os estereótipos colocados pela sociedade.

## **CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO**

Abordaremos neste capítulo o referencial teórico, dialogando sobre a importância da Literatura Indígena na sala de aula como ferramenta pedagógica e sua contribuição para as aulas de Língua Portuguesa.

### **1.1 LITERATURA INDÍGENA NA SALA DE AULA**

O povo indígena amazonense é conhecido pelos seus fortes traços étnicos que acabam se mesclando a traços não indígenas, resultando em uma intensa troca cultural. Nessa perspectiva, o ato de educar, em contextos interculturais amazônicos, exige de uma vigorosa tessitura de saberes, conhecimento, culturas, tradições, intencionalidades formativas, direitos e lutas. Deste modo a compreensão que temos da vida e a forma como interpretamos o mundo ao nosso redor se conecta a uma teia de saberes que se distinguem em: percepção, instituição, tradições e conhecimentos científicos que foram aprendidos. A percepção é a forma como percebemos o mundo ao nosso redor, enquanto as instituições estão relacionadas às estruturas sociais e culturais que nos rodeiam. Além disso, as tradições são conhecimentos que são repassados de geração para geração e o conhecimento científico é resultado da educação.

Nesse contexto a educação indígena se destaca por ser criada em conjunto com o próprio povo, cultura e tradições, por meio do diálogo entre o conhecimento acadêmico e a cultura escolar. Por meio desse sistema surge a Escola Indígena Específica e Diferenciada, que é construída junto com o seu povo e promove a educação em comunidade. Para que a educação indígena seja assegurada é imprescindível que:

[...] os professores tenham uma formação sólida, em nível universitário, e em perspectiva complexa, crítica e transdisciplinar que favoreça a aprendizagem teórica e, para além dela, uma aprendizagem que possibilite o desenvolvimento de uma consciência ampliada com percepção aguçada e capaz de impulsionar os seres humanos a realizarem ações comprometidas com a cidadania planetária e a Terra-Pátria (Albuquerque, 2017, p. 9).

A literatura indígena na sala de aula pode ser trabalhada de diversas maneiras e em diferentes contextos. Ela é uma literatura que versa sobre múltiplas temáticas como por exemplo questões relacionadas a sexualidade e a misoginia. Por meio da literatura podemos levar para sala de aula reflexões de cunho social que fazem parte do cotidiano e vivências dos povos indígenas, possibilitando o contato com a cultura indígena considerada como componente obrigatório da Educação Básica.

Como enfatiza a LDB, no Art. 26-A: “Nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e de Ensino Médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. A mesma é essencial para que o indivíduo tenha consciência de si e do outro, sendo uma ferramenta útil para combater a hipocrisia, os discursos de ódio, entre outros, como ressalta a autora Rodrigues *et al* (2023, p. 24):

A literatura serve para que a humanidade tenha consciência de si, a partir do outro, pois assim fica mais fácil afastar o egoísmo, a hipocrisia, o ódio, o individualismo, entre outras características estigmatizadoras que há em cada um de nós e que está destruindo nosso planeta Terra, ou, para os povos indígenas, a grande Mãe Terra.

Levar a literatura indígena para sala de aula é uma forma de manter viva a chama da resistência, a diversidade cultural dando voz ao indígena para escrever a sua própria história, mudando o cenário da invisibilidade pelo reconhecimento e valorização dos povos originários. No entanto, essa luta pela visibilidade e reconhecimento é um desafio antigo, que remonta o momento em que os indígenas foram forçados a abandonar a sua cultura, língua e costumes. Nesse contexto, é interessante notar que os missionários jesuítas ao tentarem se comunicar com os indígenas buscavam aprender a língua indígena para promover a propagação da sua crença e catequizar os indígenas. O colonizador além de ter imposto essas coisas ao indígena ainda explorou as riquezas presentes no Brasil, o que acabou resultando em alguns sintomas, como descreve a escritora Tettamanzy:

Os povos originários foram destituídos de voz porque, como explica a linguista Eni Orlandi a partir dos pressupostos da análise do discurso, só há discurso quando há interação entre locutores. No caso das situações de contanto, quando só um fala, a experiência do outro e sua própria existência são negadas. Assim, quando uma parte da origem é silenciada e, como tal, violada, a identidade sofre danos que requerem reparação. Para estabelecer a ordem psíquica e simbólica deste lugar que veio a se chamar Brasil, precisa ser restaurada a origem fraturada, ou seja, nomear e narrar a genealogia que foi subtraída. E não faz muito tempo que esta restauração vem sendo produzida a partir dos sujeitos que foram arrancados de seus territórios e de si mesmos e que surgem então como protagonistas de criações e textualidades em que procuram dizer seu lugar no mundo. (Tettamanzy apud Dorrico, 2018, p. 16-17).

A escrita é uma ferramenta que os indígenas utilizam para lutar por seus direitos, reconhecimento e valorização. Na escola se fala muito sobre a descoberta do Brasil, sendo que já existia milhares de pessoas habitando nessa região, povos que tinham sua própria língua, sua crença e seus costumes. Portanto, é impossível descobrir um lugar que já existe habitante. A invasão do homem branco teve um impacto profundo na cultura dos povos indígenas, que foram

considerados “selvagens” e necessitados de “salvação”. De acordo com Mancini (2009, p. 187): “Os índios foram considerados como “selvagens”, “primitivos”, “gente da terra” que, “pacificados”, podiam ser aproveitados no seu intuito de explorar as riquezas do “sertão”, inclusive, a “farta” mão-de-obra escrava que representavam”.

Essa visão prejudicial perpetuou a opressão e marginalização dos povos nativos. No entanto, recentemente, eles conseguiram conquistar alguns dos seus direitos, embora ainda haja muito a ser feito. Para que a Literatura Indígena seja trabalhada na sala de aula, é necessário um posicionamento do professor em buscar possibilidades para levar obras ou textos literários para sala de aula. Isto inclui selecionar não só textos do cânone, mas também da Literatura Indígena, e buscar estratégias para desenvolver a temática indígena. Se a escola trabalhar apenas obras cânones, o professor reforçará um posicionamento opressor. No entanto, é possível dialogar essas obras com outras, incluindo a Literatura Indígena, para trazer humanização e a desconstrução de discursos que vêm sendo centralizados nos cânones. Conforme a autora propõe:

Cabe ao professor a sensibilidade para mediar e expor os alunos a uma experiência diferenciada com a literatura. Rompendo com a cultura de transmissão de conteúdos, propondo aulas em que os discentes confrontem, dialoguem e tirem suas próprias conclusões sobre um processo histórico no qual se inserem. Essa postura proporcionará aos estudantes a oportunidade de acesso a textos que possivelmente não chegariam a ter em mãos. (Corrêa, 2019, p.7).

Sabemos das dificuldades enfrentadas pelos professores que impedem eles de trabalhar a temática indígena. Entretanto, é necessário fazer uma revisão de posições e mudanças para que ocorra a desconstrução de estereótipos. A descentralização só pode ser feita através do confronto entre essas obras, deixando que o aluno crie o seu próprio ponto de vista sobre a imagem do indígena e de si e da história brasileira. O papel do professor é proporcionar experiências diversificadas sobre a literatura. Embora o contato com a literatura indígena possa ter um choque inicial, isso pode fazer o aluno repensar o seu ponto de vista sobre o indígena, trazendo à tona outros olhares sobre as verdades que foram circuladas na sociedade. Neste sentido, a autora reflete que:

[...] é preciso pensar os processos educativos no sentido de reverter/desconstruir a imagem equivocada e preconceituosa ainda existente sobre as sociedades indígenas (isto vale, também, sobre as demais minorias – étnicas e/ou sociais). Faz-se necessário evitar conceitos estereotipados em que os índios são vistos como preguiçosos, “a – históricos”, “primitivos”, “reserva moral da humanidade”, detentores de uma “pureza cultural ancestral intacta”, “grupos em extinção”, entre outras. [...] Neste entendimento, é necessário pensar o índio enquanto sujeito histórico capaz de tomar decisões, lutar por seus direitos – mesmo que em posição desfavorável – fazer

alianças, mediar situações históricas e não como simples “vítima” da história. Por exemplo, a questão dos indígenas reivindicarem mais terras é uma questão histórica de resgate de direitos que lhe foram negados no passado e não é só em decorrência do crescimento demográfico destas populações – como alguns, de forma simplificada, tentam colocar. (Mancini, 2009, p. 200).

Essas concepções nos levam a refletir sobre a importância de reverter a imagem equivocada e preconcebida do indígena. O papel do professor enquanto mediador do conhecimento é fundamental para desconstruir preconceitos e estereótipos, estimulando os alunos a conhecer, respeitar e valorizar os diferentes grupos étnicos, evitando conceitos estereotipados que perpetuam visões distorcidas e de desrespeito contra o indígena.

A cultura Indígena é uma parte fundamental da identidade cultural amazonense, sua influência pode ser vista no vocabulário que usamos, nas comidas típicas, no festival folclórico de Parintins, entre outros exemplos. Essa herança cultural é essencial para a compreensão da nossa história e da nossa identidade. Portanto, é fundamental que a cultura Indígena seja representada na sala de aula, para que possamos aprender e apreciar a riqueza cultural que ela nos oferece. Nesta análise, vamos explorar mais a fundo a influência da cultura indígena na construção da nossa identidade cultural.

## **1.2 INFLUÊNCIA DO INDÍGENA NA IDENTIDADE CULTURAL DE UM POVO**

Quando falamos de identidade inevitavelmente nos remetemos ao passado, à origem do povo brasileiro e à sua rica diversidade, refletindo nesse cenário percebemos o quanto eles são fundamentais para a construção da nossa identidade, compartilhando sua sabedoria e seu conhecimento em diversas áreas, como por exemplo: a técnica de sobrevivência, a medicina indígena através dos recursos naturais que passa a ser utilizado para curar diversas doenças. Na cultura indígena, conhecemos os costumes e tradições dos povos indígenas, a conexão deles com a natureza e o seu empenho em preservar o meio ambiente atuando como guardiões da floresta. Com isso, aprendemos a preservar e cuidar da nossa floresta e também percebemos a importância do conhecimento ancestral na construção da identidade de um povo.

De acordo com Rodrigues (2023), o indígena está ligado inextricavelmente a sua identidade ancestral, ou seja, à sua raiz ancestral permanece intacta refletindo nos seus escritos, que versam uma literatura individualista a partir da coletividade a que pertencem. A literatura

indígena em si é uma arma de resistência utilizada por esses povos para se expressar, contar a história do seu ponto de vista e exaltar a sua cultura e ancestralidade.

Conforme a autora:

[...] o sujeito individual indígena está inextricavelmente ligado à sua identidade ancestral, de modo que pensar em uma literatura indígena pressupõe pensar nessa condição de interligação, que finda por estabelecer a base do estilo estético-literário dessa escrita. Sendo fundamento, condição primeira, o “eu-nós” se situa como poética, fazendo-se elementar essa compreensão para a leitura da literatura indígena (Rodrigues *et al*, 2023, p. 35).

A oralidade possui um valor simbólico de suma importância para disseminação de notícias, sendo elas boas ou más, foi por meio da oralidade que os povos indígenas conseguiram manter preservada a sua história para que outras pessoas soubessem de sua origem étnica. Na concepção de Dorrico *et al* (2020, p. 28)

A oralidade é a forma de preservação das Línguas e Culturas dos Povos indígenas e tem a capacidade de revelar a identidade de uma etnia, seus rituais, assim como o modus operandi de cada grupo. Disponibilizar o acesso aos bens do patrimônio cultural e de memória dos Povos Originários é de grande importância para as comunidades Originárias, instituições educacionais e à sociedade.

A memória e a escrita tiveram grande contribuição para que as obras literárias fossem propagadas em outros estados, desconstruindo pensamentos equivocados que muitas pessoas ainda têm do indígena, como por exemplo a utilização de termos pejorativos fortes para se referenciar a eles. Muitos encontraram na escrita uma forma de armadura para lutar contra o preconceito, genocídio, entre outros. Sabemos que o Brasil é formado por muitos povos indígenas de grande valor e significância para nossa cultura.

A escrita é uma conquista recente para a maioria dos 305 povos indígenas que habitam nosso país desde tempos imemoriais. Detentores de um conhecimento ancestral apreendido pelos sons das palavras dos avôs, estes povos sempre priorizaram a fala, a palavra, a oralidade como instrumento de transmissão da tradição, obrigando as novas gerações a exercitarem a memória, guardiã das histórias vividas e criadas. A memória é, ao mesmo tempo passado e presente, que se encontram para atualizar os repertórios e possibilitar novos sentidos, perpetuados em novos rituais, que, por sua vez, abrigarão elementos novos numa circular movimento repetido à exaustão ao longo da história (Dorrico *et al*, 2020, p. 28).

Além da escrita e da memória, os povos originários nos ensinaram inúmeras técnicas de sobrevivência na floresta que utilizamos até os dias atuais, como também tiveram papel importante na expansão da agricultura e extrativismo ajudando com sua mão de obra. Dentre outros saberes, que nós ainda não conhecemos como as múltiplas técnicas utilizadas por eles

para afastar as pragas das plantações, e isso de uma forma ecológica que não afeta o meio ambiente, diferente de nós que utilizamos agrotóxicos e acabam prejudicando não somente o meio ambiente, como também a nós mesmos. Um exemplo disso é quando esses povos pretendem afastar insetos como formigas e utilizam de uma planta chamada *cunaparu* (*phyllanthus sp.*), que possui uma seiva leitosa, ácida e extremamente irritante que faz com que as formigas nem cheguem perto da plantação, com isso vemos que o nosso conhecimento é mínimo diante dos povos originários.

As suas contribuições não param por aí, uma das mais importantes foi no enriquecimento do português brasileiro trazendo novas palavras e expressões para o nosso vocabulário. Na medicina, por exemplo, suas contribuições foram no ensino e manuseio das ervas medicinais para curar diversas doenças como: bronquite, asma, gripe, gastrite, constipação, artrite, reumatismo, dor muscular, malária, febre, depressão, ansiedade, estresse, infecções, hipertensão, colesterol alto, entre outros.

Eles também influenciaram a culinária, os costumes regionais e atuando na proteção das riquezas naturais e da biodiversidade.

Os índios pacificados e dominados ensinaram a eles as técnicas de sobrevivência na selva e como lidar com várias situações perigosas na floresta ou como se orientar nas expedições realizadas. Em todas as expedições empreendidas pelos desbravadores e colonizadores lá estavam os índios como guias e serviçais, conforme atestam vários registros documentais da época. Ao longo de toda a história de colonização brasileira, os povos indígenas estiveram presentes, ora como aliados na expulsão de outros invasores estrangeiros, ora como mão de obra nas frentes de expansão (Santos, 2006, p. 217).

A literatura indígena vem para situar o alunado sobre si e sobre o outro, identificando sua origem e ancestralidade cultural, ela surge com intuito de responder aqueles questionamentos que nós em algum momento da vida nos deparamos. O questionamento sobre quem somos? De onde viemos? E para onde vamos? Que fazem parte da realidade de muitos jovens, que convivem e buscam sair dessa inquietação.

A cultura dos povos indígenas, ao longo dos tempos, tem sido tratada com certo desdém – vivendo em um hiato de esquecimento abissal. Poucas pessoas despertam no meio da multidão para cantar e declamar a poucos ouvidos o universo multicultural dos povos da floresta. O Brasil necessita se conhecer, é impossível pensar em nossa história sem levar em consideração os povos aqui existentes, sem louvar a ancestralidade presente no canto dos pássaros e nas brisas do passado. Por isso, e muito mais, devemos encontrar mecanismos para a manutenção da cultura indígena, primordial para o surgimento da nação brasileira (Dorrigo *et al*, 2020, p. 29).

Apesar da existência de leis a favor dos indígenas, o ensino-aprendizagem ainda não está sendo desenvolvido nas escolas significativamente, pois ainda existe uma distância grande entre o que está na lei e o que é realmente a prática. Ainda é necessário mudar muita coisa para chegar na educação ideal e para todos, contudo, a garantia legal representa um grande avanço e um ponto inicial de grande relevância para o ensino da literatura indígena na sala de aula.

Os escritores indígenas individuais escrevem pela necessidade de defender sua identidade (ou indianidade), sua cosmovisão, suas tradições, saberes e conhecimentos tradicionais. Escrever é uma forma de eliminar os intermediários e intérpretes indesejáveis, uma forma de mostrar-se e de conviver em igualdade de condições com a sociedade envolvente, manobrando um de seus instrumentos de dominação: a escrita em língua portuguesa (Dorrico *et al*, 2020, p. 78).

A questão aqui trazida nos remete aos três tipos de educação: Educação Indígena, Educação não Indígena e Educação Escolar indígena, pontos fundamentais a serem discutidos neste estudo. Em relação a Educação Indígena (Santos, 2006, *apud* Simas, 2012) afirma que: “A educação indígena refere-se aos processos próprios de transmissão dos conhecimentos dos povos nativos passarem seus conhecimentos e modos de viver na sua sociedade aos mais novos; representa seu modo de formar bons cidadãos para o seu grupo”.

Na cultura da etnia Baniwa, por exemplo, antes da criança nascer os pais têm o costume de acordar cedo de manhã para tomar banho antes mesmo das outras pessoas da casa, para que assim dessa forma ela não nasça fraca e nem preguiçosa, pois eles acreditam que isso de alguma forma influencia no comportamento da criança. Esse processo de ensino ocorre durante todo o ciclo de vida de um indígena, dividido em quatro fases: a primeira fase ocorre “antes do nascimento”, a segunda “depois do nascimento”, a terceira é a “passagem da vida da criança para a vida adulta” e por último a quarta que nada mais é do que a “vida madura” (momento de ensinar tudo que se aprendeu aos novos membros da comunidade indígena). Quanto a Educação não Indígena para Simas (2012, p. 50)

É a educação escolar implantada nas comunidades indígenas desde o período jesuítico com o objetivo de integrar os povos nativos aos costumes eurocêtricos. Logo, os processos de transmissão, os valores, costumes, bem como os conhecimentos ensinados são do colonizador, do branco.

Esse tipo de ensino tem como intuito silenciar o indígena e a sua cultura, ou apagar a identidade indígena para fazer com que todos os indígenas e não indígenas sigam um sistema social “nacional”, não dando espaço para que eles exerçam a sua cultura e língua, fazendo com

que todos falem a mesma língua e sigam o mesmo sistema econômico, social e cultural. Criando uma massa idealizada e homogênea que aceitem as regras estipuladas pelo poder. Esse tipo de educação não contribuirá na formação de um indígena nato e sim um indígena marginalizado pela sociedade que não é de fato como deveria ser, “apesar de dominar valores do branco, um branco e onde também não será mais um nativo, sendo marginalizado duas vezes: uma pela comunidade indígena que não reconhece seus valores e pela sociedade não indígena” (Simas, 2012, p. 50-51). Por sua vez, a Educação Escolar Indígena:

É um processo de transmissão e produção de conhecimentos não indígenas e indígenas por meio da escola, que é uma instituição própria dos povos colonizados. A educação escolar indígena refere-se à escola apropriada pelos indígenas para reforçar seus projetos socioculturais e abrir caminhos para o acesso a outros conhecimentos universais, necessários e desejáveis, a fim de contribuir com a capacidade de responder às novas demandas geradas a partir do contato com a sociedade global (Santos, 2006, p. 129).

Resumindo, a escola Indígena é caracterizada pela sua forma inovadora de ensino, valorizando a resistência e facilitando na adaptação dos indígenas no contexto da modernidade, onde a escola se torna um ambiente de empoderamento e não mais de opressão, que valoriza a cultura indígena e integra o conhecimento tradicional com os novos saberes, para que os povos originários se tornem aptos a lidar com as complexidades presentes no mundo atual, como as questões sociais, econômicas e ambientais.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional, as escolas indígenas deveriam seguir algumas bases, como: “ser comunitário, intercultural, bilíngue, multilíngue, específica e diferenciada. Comunitária, porque a comunidade indígena é que deve decidir sobre o que ensinar, como ensinar, porque ensinar, quem deve ensinar, o melhor período para ensinar” (Simas, 2012, p. 56).

A escola indígena deve ser comunitária, pois é a comunidade indígena que deve decidir quais princípios seguir e o que deve ou não deve ser trazido para dentro da sala de aula, isso garante que a educação seja adaptada às necessidades e valores da comunidade, prezando sempre pelo bem-estar da comunidade indígena e respeitando sua cultura. Além disso, a escola indígena deve ser intercultural, mantendo a diversidade cultural e linguística. Isso pode ser alcançado através de discussões e relatos de experiências que enfatizem a importância do respeito e entendimento entre os povos indígenas de diferentes identidades étnicas.

A educação indígena também deve ser bilíngue e multilíngue, respeitando e valorizando a língua materna falado pela comunidade, isso ajuda a criar uma atmosfera de confiança e respeito entre o professor e o aluno. Por fim, a educação indígena deve ser específica e diferenciada, adaptando-se a necessidade da comunidade, isso garante que a educação seja relevante e eficaz, melhorando o desempenho da aprendizagem. E é justamente essa riqueza cultural e educacional que influencia na nossa identidade cultural de maneira profunda, um exemplo disso é o festival de Parintins que ganha grande visibilidade por ter como característica a presença de personagens indígenas e tem como objetivo da visibilidade aos povos, descrevendo a sua cultura, lendas, rituais, danças indígenas. Fazendo com que as pessoas conheçam a história do indígena, reconheçam a importância deles para nossa sociedade e valorizem a sua cultura.

Como ressalta Silva (2017, p. 106):

Uma das bandeiras do Festival é falar da importância da cultura indígena, do legado que as populações indígenas já extintas deixaram para a sociedade, ao mesmo tempo tratar de como as etnias, extintas ou não, cuidam da floresta, como estas compreendem a natureza como seu *ethos*. Assim, estes consideram importante a representação do indígena feita pelo festival. Nossos informantes destacam que a espetacularização ocorre em função da dimensão do próprio espetáculo [...] Parintins é uma terra de artistas e estes são frutos dessa miscigenação que vem do índio, do branco e do negro. O caboclo, fruto dessa miscigenação, é o próprio artista e este jamais vai abrir mão de colocar o indígena na brincadeira.

Nós temos traços da cultura indígena nas nossas veias, mas infelizmente, muitos brasileiros não estão cientes dessa herança, como resultado eles acabam perpetuando preconceitos e estereótipos negativos contra os povos indígenas, contribuindo para a disseminação de discursos preconceituosos. Mudar esse cenário não é uma tarefa fácil, mas isso só será possível a partir do momento que nós começarmos a nos posicionar contra os estereótipos deixados pelo colonizador, fazendo a diferença e não contribuindo com esse tipo de fala, como discutiremos a seguir.

### **1.3 DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS**

O estereótipo e preconceito em relação à cultura e história indígena é só uma ponta do iceberg, pois na escola a literatura indígena ainda é uma fala de referência do invasor/colonizador, que como consequência influencia na disseminação de falas preconceituosas que continua sendo contada do ponto de vista do colonizador. A colonização teve como resultante no silenciamento dos povos da floresta que há muitos anos se calaram

frente a opressão do homem branco. Para Sicsú (2024), os povos das florestas são importantes para a formação da sociedade, ao qual diz:

Por muito tempo o indígena presenciou sua história contada sob os moldes do colonizador, um projeto idealizado para silenciar a cultura tradicional desses povos. Os povos indígenas sentem isso na pele, no espaço e no tempo. Ao longo de toda sua existência, os povos da floresta, se depararam com as muitas versões estereotipadas, como por exemplo: “o bom selvagem”, “sem caráter”, “sem fé”, rótulos esses enraizados na sociedade dominante, que trata as sociedades indígenas como atrasadas, sem cultura e sem instrução. Mas, a literatura de autoria indígena nos ajuda a compreender que os povos da floresta, são significativamente importantes para a nossa formação enquanto sociedade (Sicsú, 2024, p.1).

Devido a esse pensamento muitos povos acabam sofrendo diversas violências e desrespeito por algumas pessoas que têm um pensamento ultrapassado ao tratar o indígena como um ser insignificante mais não percebe que todos somos iguais e merecemos ser respeitados independente da classe social, raça, cor ou religião. A escritora Márcia Kambeba reforça sobre a importância de silenciarmos para ouvirmos a voz da natureza, o canto dos pássaros e buscar pela nossa identidade ancestral.

É preciso silenciar para ouvir as vozes da floresta ecoando em nossa alma, tornando-nos sensíveis para entender cada movimento, cada cor e o canto dos pássaros e animais. As vozes das florestas servem de alerta para evitar muitos desastres, para educar, curar, orientar. É preciso estar com o coração e os ouvidos atentos para acolher e entender. Por tempos, nós, indígenas, carregamos rótulos de atrasados, preguiçosos, fedorentos, desafinados, canibais, entre outros difíceis de lembrar e escrever. No senso comum, quando se pensa em culturas indígenas, logo vem a ideia de que somos aculturados ou não mais existimos, porque não mais somos como nossos ancestrais do período de invasão e conquista (Kambeba, 2020, p. 19).

O trecho nos convida a refletir sobre a importância de adotar um olhar diferenciado sobre a natureza e os animais que a habitam. A natureza é fundamental para preservação da vida na terra, e a destruição do meio ambiente tem consequências devastadoras para o planeta. Nesse contexto, os povos indígenas desempenham um papel crucial na preservação da natureza e na luta contra a degradação ambiental. No entanto, ironicamente eles são frequentemente alvos de preconceitos, violência e desvalorização, demonstrando a necessidade de mudar nossa perspectiva e valorizar a sabedoria e a contribuição dos povos indígenas para a preservação do meio ambiente.

Atualmente, esse cenário está sendo quebrado pois o indígena escreve para reverter esse silenciamento que há muitos anos vem sendo repassado de geração para geração, a literatura

indígena é uma escrita individualista mais que carrega a coletividade dos povos originários que buscam contextualizar a sua narrativa e trazer a valorização e reconhecimento da sua cultura, com intuito de receber da sociedade respeito e dignidade, pois somos frutos de uma miscigenação que apesar de um contexto sofrido e doloroso para o povo indígena, lutou pelos seus direitos e conseguiu resistir a opressão, utilizando como ferramenta uma literatura de resistência para frisar essa questão.

#### **1.4 LETRAMENTO LITERÁRIO DE RESISTÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INDÍGENA NA FORMAÇÃO DO LEITOR**

A leitura de obras literárias indígenas problematiza conceitos, induz a criança ao questionamento e desconstrói estereótipos criados pela sociedade. Isso ocorre porque a literatura tem um papel fundamental em formar leitores críticos e conscientes da sua identidade. Através dessa literatura a criança reconhece a presença dos indígenas na história, desconstruindo a idealização que foi concebida pelo homem branco. Dessa forma surge uma nova narrativa que visa contar a história na perspectiva e ponto de vista do indígena.

A autora enfatiza que “a literatura representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra”. (Coelho, 2000, p. 27). De acordo com Coelho, vemos que a literatura tem grande eficácia na construção do letramento literário, pois essa é a melhor fase para desenvolver o letramento. Momento esse, que a criança está na fase de conhecimento de mundo, diferente daquela produzida a um público adulto onde esse conhecimento já foi construído e suas competências como leitor já foi explanada.

A literatura indígena surgiu como aspecto de resistência dos pensamentos estereotipados que algumas pessoas têm em relação a história do indígena e seu modo de viver, o indígena faz da literatura sua arma de resistência e reconhecimento. Para o indígena a palavra representa um objeto de arte, é através das narrativas orais que são repassados os saberes orais, que se fazem presente nas rodas de contação de história. “Ao se falar de língua materna indígena, deve-se ter em mente que o adequado ensino de línguas indígenas adotado na escola pode contribuir com a manutenção das” (Albuquerque, 2017, p. 167).

A manutenção da língua materna é fundamental para preservar a cultura e identidade dos povos indígenas, nesse contexto a educação escolar indígena deve ter como base alguns pontos cruciais para que essa manutenção ocorra. Primeiramente, optando por um ensino bilíngue que tem como objetivo ensinar o aluno a ler e escrever na sua língua materna e também no português, para que assim seja preservado a sua língua. Em segundo lugar, é necessário que

a escola desenvolva materiais didáticos que se adequem a necessidade da comunidade, como: livros, manuais e dicionários que seja escrito na língua indígena e no português. Em terceiro lugar, o estado deve investir na formação de professores capacitados em trabalhar nas áreas indígenas, que sejam fluentes na língua indígena e tenha conhecimento da cultura indígena e da história das comunidades indígenas.

A escola é um ambiente acolhedor que deve priorizar o bem-estar de seus educandos. Para alcançar esse objetivo, é fundamental adotar uma didática eficaz e adequada às necessidades dos alunos. No contexto das escolas indígenas, a utilização da língua materna é essencial para promover um aprendizado significativo e positivo. Ao fazer isso, a escola desenvolverá a autoestima e confiança dos alunos indígenas, facilitando seu desempenho escolar e fortalecendo sua identidade cultural. Além disso, a escola promoverá a diversidade linguística, valorizando a riqueza cultural das comunidades indígenas. O autor ainda enfatiza sobre como acontece o ato de educar na sociedade indígena, ele diz:

O ato de educar na sociedade indígena é um ato coletivo, e conforme estabelece a autora, é de grande responsabilidade de todos, por que são ações complexas, incorporadas à rotina cotidiana do trabalho e do lazer, sem nenhuma restrição de tempo ou local específico (Albuquerque, 2017, p. 167).

Conforme a autora, o ato de educar é um processo comunitário que envolve a participação ativa da comunidade escolar, dos pais e dos mais velhos. Esse processo é compartilhado e transmitido de forma coletiva onde todos os membros da comunidade indígena podem contribuir com o seu conhecimento e experiência. Como resultado, a responsabilidade da educação é assumida por todos e as decisões são tomadas de forma coletiva. Esse modelo de educação comunitária tem como resultado o fortalecimento da comunidade, seu desenvolvimento e a preservação da cultura indígena.

A escritora indígena Márcia Kambeba, descreve que “passaram-se os anos, os povos conheceram a escrita e ela tornou-se uma ferramenta importante na luta pela manutenção da cultura indígena, facilitando o registro dos conhecimentos que até então eram transmitidos pela oralidade. Com a escrita nasce a “literatura indígena”, uma escrita que envolve sentimento, memória, identidade, história e resistência” (Kambeba, 2020, p. 48).

De acordo com a autora, a literatura indígena é uma ferramenta poderosa que permite ao escritor expressar seus sentimentos mais profundos e registrar a sua memória. Ao mesmo tempo, a literatura e o indígena é uma forma de afirmar e reafirma a identidade indígena, que

foi marginalizada e silenciada pela sociedade dominante. Ao escrever, os autores indígenas reivindicam seus direitos, exigem valorização de sua identidade e cultura, e resistem contra a opressão e desigualdade social. Além disso, a literatura indígena é uma ferramenta importante para preservar a história indígena, que muitas vezes é distorcida pela história oficial. Assim, a literatura indígena se torna uma arma de resistência e uma forma de reivindicar a dignidade e os direitos dos povos indígenas.

Segundo Kambeba, os povos indígenas foram desenhando sua memória, história construída com muita luta, escrita de um tempo que atravessou gerações e que hoje é uma forma de resistência pela arte da escrita literária. Nasceu uma literatura indígena escrita por quem elabora narrativas inspiradas nas histórias contadas pelo avô ou pelos anciões, ou com base na própria existência de vida, seja na aldeia, seja na cidade. Essa literatura indígena de resistência tem intuito de dar voz ao indígena para reafirmar a sua essência, trazer para sociedade os seus saberes, de lutar por respeito e valorização. É uma forma de fazer isso é através da escrita de obras de literatura indígena, mas isso só fará diferença se essa literatura for trabalhada nas escolas.

A Base Comum Curricular (BNCC), é um documento normativo que define o que é essencial para o ensino da educação escolar, os povos indígenas conseguiram conquistar algumas normas, no entanto, a escola não dá a devida importância que devia ser dado ao ensino da literatura indígena. Entende-se por BNCC:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) (BRASIL, 2018, p. 7).

A BNCC, abre espaço para tais conteúdos como história e cultura africana, afro-brasileira, quilombola e indígena seja trabalhado nas escolas como forma de manutenção da cultura, história e ancestralidade desses povos. Atuando em prol da resistência pelo bem da pluralidade social, com diversas cores e formas.

A Base orienta que o componente curricular deve valorizar a diversidade cultural, étnica e linguística brasileira, contribuindo para a “interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo

intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania” (Brasil, 2018, p. 193).

Essa mudança parte do professor de língua portuguesa, a partir do momento que ele leva a literatura indígena para sala de aula, fazendo com que o aluno reflita e conheça a cultura indígena e a sua importância na manutenção da sua história. Quando a BNCC foi feita, não sabemos de nenhum registro que afirme a presença de um indígena ou quilombola para opinarem sobre as leis que diriam respeito a eles, isso foi feito somente um ano depois, ao qual foi pedido para que um indígena e um quilombola opinassem sobre as normas e corrigisse, aí foi constatado diversas irregularidades quanto ao uso de termos preconceituosos, conotações pejorativas, discriminatórias ou racista sobre a diversidade étnica e cultural brasileira.

### **1.5 IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INDÍGENA NA MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL AMAZONENSE**

A literatura indígena se faz presente desde antes da colonização por meio da oralidade (contação de histórias), no qual os indígenas mais antigos contavam para os mais novos a sua história, seu conhecimento de mundo e sua cultura. A literatura indígena tem grande peso na nossa formação cultural, pois ela remete a nossa ancestralidade cultural. Em relação as outras literaturas, ela se diferencia por carregar a história de um povo, seu modo de viver, exaltando sua identidade e espiritualidade. Como diz Kambeba, a literatura indígena possui um valor material e imaterial.

Essa palavra está impregnada de simbologias e referências coletadas durante anos de convivência com os mais velhos, tidos como sábios e guardiões de saberes e repassados aos seus pela oralidade. Não quero dizer aqui que a prática da oralidade tenha se cristalizado no tempo. Essa prática ainda é usada, pois é parte integrante da cultura em movimento. À noite o indígena sonha com o que vai ser escrito ou com a música a ser cantada com os guerreiros da aldeia. Acredita-se que quem escreve recebe influências de espíritos ancestrais, dos encantados, por isso a literatura dos povos da floresta é percebida com um valor material e imaterial (Kambeba, 2020, p. 23-24).

Estudar a literatura indígena é de grande importância para manutenção de etnicidade do povo Parintinense, para que assim a criança desde cedo conheça a origem da sua ancestralidade e tenha contato com os livros que são produzidos na sua região. Sabemos que para chegarmos ao que somos hoje o povo brasileiro passou por um longo período de colonização, devido a esse

processo muitos povos indígenas foram silenciados/apagados por longos anos, como afirma o autor:

A garantia da manutenção da rica diversidade linguística dos povos indígenas, além de favorecer o desenvolvimento do multilinguismo, em seus níveis orais e escritos, poderão ser inclusive, um dos meios que a sociedade indígena terá a disposição para interpretar e compreender o mundo à sua volta, para que a partir de sua realidade, possa compreender também o mundo onde a língua majoritária é falada (Bortoni-Ricardo, 2004).

Cada língua indígena carrega consigo uma maneira de ver o mundo, elas são portadoras da história da nossa formação cultural e são fundamentais na construção da nossa identidade ancestral e diversidade linguística. O multilinguismo é uma habilidade que carrega um valor inestimável para os indígenas que prezam pela manutenção da sua língua nativa, mas também não se limitam apenas a sua língua, eles buscam aprender o português para poder se comunicar e interagir com o mundo externo, promovendo um diálogo rico entre as diversas culturas existentes, e aprendendo a língua do outro é mais fácil utilizar a literatura como uma arma de resistência contra os estereótipos rebaixado deixado pelo colonizador.

Para falar de multilinguismo, é preciso entender primeiro o bilinguismo, o bilinguismo nas escolas indígenas teve início no século XXI, com a presença da FUNAI que implementou a "educação bilíngue de transição". Essa abordagem visava valorizar a língua materna da comunidade indígena, que havia sido substituída pelo português, levando ao apagamento de algumas línguas indígenas. No entanto, apesar dos avanços legislativos, os povos indígenas ainda enfrentam discriminação em relação às oportunidades de trabalho. Mesmo os estudantes indígenas bilíngues graduados enfrentam dificuldades para concorrer em processos seletivos, sendo frequentemente substituídos por professores não indígenas que possuem o português como língua materna. O autor ressalta que:

O objetivo do "bilinguismo de transição para a língua majoritária" é inserir o educando na língua e na cultura majoritária enquanto que o objetivo do "bilinguismo de manutenção ou de resistência", desenvolvido nos programas de vitalização da língua minoritária é preparar o educando para as relações com a sociedade majoritária, incluindo o domínio da língua, ao mesmo tempo em que fortalece a língua minoritária. O espaço dedicado por cada modelo de bilinguismo para a língua indígena, no caso do "bilinguismo de transição" é menor a cada ano, pois é de instrução nos dois primeiros anos, e passa a "aula de língua" nos modelos adaptados, enquanto que no "bilinguismo de resistência" a língua indígena é a língua de instrução em todo o curso. Quanto ao valor dado por cada modelo ao bilinguismo e à língua indígena, para o "bilinguismo de transição" o bilinguismo é uma dificuldade e a língua indígena tem papel na escola até que não seja mais necessária, enquanto que para o "bilinguismo de resistência" o bilinguismo é uma riqueza e a escola trabalha com estratégias para sua valorização e para a ampliação das competências do falante nas duas línguas. É preciso então discutir com mais profundidade qual o modelo de bilinguismo que efetivamente vem sendo desenvolvido nos projetos de educação escolar indígena e

depreender daí qual a política linguística a ser adotada nos programas de formação de professores e nas comunidades, em geral (Nobre, 2012, p. 4).

Além disso, muitas escolas indígenas enfrentam impasses na educação, pois não possuem professores indígenas habilitados em nível de licenciatura. Isso dificulta a implementação do bilinguismo, pois os professores não indígenas tendem a ensinar apenas a língua que conhecem, o português. Isso pode levar a confusão e dificuldades de aprendizado para os alunos. Como vimos, o bilinguismo é quando a pessoa fala duas línguas, ou seja, sua língua materna e o português. Já o multilinguismo é a capacidade de falar várias línguas, permitindo com que o multilíngue se comunique com mais facilidades e conheça diversas culturas além da sua. Trazendo benefícios econômicos, cognitivos e sociais.

## CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO

Essa pesquisa tem como finalidade analisar a presença da Literatura Indígena na sala de aula, com objetivo de contribuir para a construção da identidade cultural dos educandos. Para isso, será utilizado como ferramenta livros de escritores da nossa região que exaltam e valorizam a nossa cultura, permitindo que os alunos conheçam a origem dos nossos costumes e reflitam sobre a importância da literatura indígena como ferramenta de resistência e desconstrução de estereótipos.

Neste sentido, a elaboração deste trabalho foi guiada pelo método de abordagem fenomenológico com teor qualitativo, que busca estudar a essência das coisas de como elas são entendidas no mundo. Esse método permite que o pesquisador se aprofunde no mundo da vida cotidiana do indivíduo, esclarecendo o fenômeno em estudo. Para o autor, a fenomenologia tem como finalidade:

[...] examinar a experiência humana de forma rigorosa, como uma ciência descritiva. Desta maneira, a reflexão se faz necessária a fim de tornar possível observar as coisas tal como elas se manifestam e descrevê-las. É a investigação daquilo que é genuinamente possível de ser descoberto e que está potencialmente presente, mas que nem sempre é visto através de procedimentos próprios e adequados. É o encontro com as coisas mesmas (Lima, 2014, p. 12-13).

O método qualitativo traz um olhar sobre a realidade evidenciada na pesquisa, levantando questionamentos e influenciando na busca de solução. (Chizzotti 2008, p.79) define que “a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Neste caso, traz-se nesta pesquisa um olhar sobre o indígena reforçando a importância de se fazer uma reflexão sobre a influência deste na nossa formação identitária e assim provocar também um debate em sala de aula, estimulando o pensamento crítico e social dos educandos.

O método de procedimento dessa pesquisa é o método monográfico. Proposto por *Lê Play* (1830), o método monográfico consiste no estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações. Para essa pesquisa foi utilizado a Teoria Crítica Estética da Recepção, que contará com uma reflexão crítica do passado vivenciado no período da colonização refletido no presente com os impactos e consequências enfrentadas pelos povos indígenas, que lutam diariamente pela conquista dos seus direitos, resistindo contra toda injustiça, preconceitos, silenciamento e estereótipos, conforme descreve o autor:

Essa nova teoria da recepção propõe uma linha análise em que o texto se revela como objeto sócio-histórico de um dado momento cultural. Texto que só tem sentido pleno ao ser lido por um leitor-receptor que vê (entende) nele a composição entre trabalho literário e material de informação de (re)conhecimento de si no mundo (Tinoco, 2010, p. 32).

Além da Estética da Recepção, a teoria da decolonialidade foi também utilizada para fazer uma reflexão crítica sobre a modernidade e o capitalismo que são formas de opressão e dominação sobre os grupos minoritários. Essa teoria também é uma forma de resistência e desconstrução de padrões impostos aos povos subalternizados, a fim de romper com o pensamento pós-colonial e resgatar as vozes dos dominados, permitindo com que os direitos à diferença sejam conquistados. Entendemos ser necessário adotar uma atitude descolonizadora, para termos consciência sobre quem somos em relação à nossa história e assim dar espaço para que o outro tenha voz.

O tempo/espço da descolonização não é considerado pela modernidade europeia; ao contrário, promove uma ruptura com ela. De uma perspectiva moderna, entretanto, a decolonialidade é frequentemente representada como tentativa de retorno ao passado ou como um esforço em retroceder a formações culturais e sociais pré-modernas (Costa *et al.* 2018, p. 34).

A escolha dessas teorias justifica-se, primeiramente, pelo fato de que ao tratarmos sobre literatura é necessário dar o espaço para a leitura levando em consideração o mundo do leitor, suas dificuldades, experiências vivenciadas e como isso pode afetar na compreensão da leitura. Por sua vez, a decolonialidade nos ajuda a refletir sobre o contexto do indígena, nos mostrando como sua cultura indígena se faz presente na nossa identidade cultural.

A pesquisa foi dividida em dois momentos sendo eles: pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica foi a parte teórica que contou com o auxílio de livros e artigos científicos que reforçaram aquilo que foi discutido no decorrer da pesquisa. De acordo com o autor Severino (2007, p. 122):

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Quanto a pesquisa de campo foi a parte prática da coleta de dados na escola, através da aplicação de oficina de leitura e produção textual em uma turma de 8º série do Ensino Fundamental II.

Na pesquisa de campo, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (*surveys*), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos (Severino, 2007, p. 123).

A técnica da pesquisa deu-se por meio da aplicação de oficinas de leitura e questionários direcionados aos alunos e aos professores, com perguntas sobre a literatura indígena na sala de aula e como isso acabou contribuindo na formação do leitor crítico. Como notamos a presença de elementos da cultura indígena em alguns traços do povo parintinense, como por exemplo, no uso de muitas palavras, costumes, entre outros, esse estudo partiu da necessidade de trazer visibilidade ao indígena e refletir sobre a contribuição deste na construção da nossa identidade cultural.

A pesquisa de campo foi realizada na Escola Municipal Lila Maia, localizada na Zona Oeste da cidade de Parintins. A escola atende o Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II. Para essa pesquisa foram realizadas duas oficinas sobre a importância da Literatura Indígena na construção da identidade amazônica e na desconstrução de estereótipos sobre os povos nativo. Aplicou-se também questionários aos alunos e professores.

Os sujeitos da pesquisa foram os alunos da 8º série do Ensino Fundamental II, que estão em uma fase crucial de construção do conhecimento de mundo e identidade. Nesse contexto, a leitura de texto literário indígena foi uma ponte fundamental para promover a aproximação cultural entre os povos indígenas e os sujeitos da pesquisa. Entende-se ser fundamental a leitura da literatura indígena na promoção do letramento cultural e literário que nos leve a repensar sobre a forma como a história dos povos originários nos foi ensinada pelo olhar monocultural desconsiderando a diversidade étnica que há em nosso país. É, pois, fundamental que a voz do indígena seja ouvida e reconhecida por sua grande importância, o professor desempenha um papel fundamental nesse processo levando o aluno a desenvolver o pensamento crítico através da leitura e contribuindo para a formação de leitores críticos e conscientes.

## CAPÍTULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, abordamos a análise de dados das oficinas e questionários que foram aplicados aos alunos e professores. Essa análise visa compreender o conhecimento prévio dos alunos relacionado ao indígena e avaliar os impactos que eles tiveram após a aplicação das oficinas.

### 3.1 OFICINA: DESCONSTRUINDO PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS

O termo “desconstruir” significa desfazer algo, desmanchar ou desmontar. Neste caso, desconstruir pensamentos que foram implantados no período da colonização e trouxeram muitas consequências para os dias atuais. Para desconstruir, é necessário retornar ao passado e reconstituir aquilo que há muitos anos foi silenciado pelos portugueses, dando voz ao indígena para ele poder contar sua história sob seu ponto de vista.

[...] para que este novo olhar seja disseminado para fins educativos, é preciso compreender como foram construídas historicamente as representações e/ou apropriações estereotipadas sobre as populações indígenas no Brasil. Nesta direção, é preciso considerar que as modalidades do agir e do pensar, como escreve Paul Ricoeur, devem ser sempre remetidas para os laços de interdependência que regulam as relações entre os indivíduos e que são moldados, de diferentes maneiras em diferentes situações, pelas estruturas do poder (Chartier, 1988 *apud* Mancini, 1988, p.186).

Desconstruir pensamentos e estereótipos não é uma tarefa tão fácil, mas faz-se necessário para que a sociedade mude a sua concepção sobre os povos indígenas e exerça um olhar diferenciado de reconhecimento e valorização desses povos. Afinal, eles fazem parte da história e foram essenciais para a construção da nossa identidade cultural. Nesse sentido, a literatura indígena surge como uma ferramenta poderosa para promover essa mudança de perspectiva. Ao levar a literatura indígena para a sala de aula, os alunos podem conhecer os povos indígenas e perceber a importância deles para a nossa identidade cultural. Além disso, a cultura indígena está presente no nosso cotidiano, e adotar uma atitude reflexiva e crítica através da literatura pode ser uma forma eficaz de reverter o apagamento e promover valorização desses povos.

Para coleta de dados, foram realizadas duas oficinas em uma escola pública de Parintins-Am, com alunos da 8ª série B. A primeira oficina teve como tema “Desconstruindo Preconceitos

e Estereótipos” e visou promover a reflexão crítica sobre os preconceitos e estereótipos relacionados à cultura indígena, incentivando os alunos a conhecer e respeitar a cultura dos povos nativos.

No início da oficina, foi realizada uma atividade motivacional para entender a visão dos alunos sobre os indígenas. Cada um recebeu uma folha em branco e foi solicitado que fizessem um desenho sobre como eles imaginavam o indígena. Essa atividade foi essencial para compreender as percepções e ideias prévias dos alunos sobre a cultura indígena. Os desenhos feitos revelaram uma visão estereotipada do indígena, mostrando-o em contextos na aldeia com tanga, cocar e pescando. Isso é afirmado pela pesquisadora Adriana Corrêa:

Antes de se tornarem escritores e de assumirem a tinta e o papel, os indígenas eram representados por um olhar e por uma concepção de mundo que não condiziam com suas próprias visões e ideologias. Com isso, esses povos subjugados conseguem questionar a inferiorização que lhes foi associada pela cultura dominante, sendo essa vista como superior. Muito embora os povos originários produzam literatura, eles enfrentam certa dificuldade em serem (re)conhecidos e legitimados pela ciência. Ademais, os autóctones encontram grande dificuldade em produzir, publicar e divulgar seus textos. [...] Essa grande dificuldade atinge a maioria das pessoas que mal têm conhecimento sobre a existência dessas produções literárias, ou até mesmo escritas acadêmicas, pelo fato de que grande parcela da população conserva a imagem de que os indígenas vivem isolados na mata, pelados, usando cocar, caçando e lançando flechas. Não percebem o indígena como ser social, político e atuante, pois boa parte da mídia ainda os apresenta com a imagem de selvagem, mesmo que procurem buscar os seus direitos e fazer política do modo como podem (Corrêa, 2019, p. 3-4).

Neste sentido, a literatura indígena é uma narrativa humanizadora que ajuda a combater estereótipos que ainda estão visíveis na sociedade e apesar dos povos nativos lutarem pelos seus direitos os textos de autoria indígena ainda são marginalizados, pouco reconhecidos e legitimado pela ciência, acarretando o desconhecimento de grande parte da sociedade que acaba tendo uma visão tradicional e limitada sobre esses povos.

Dando prosseguimento à oficina, os alunos tiveram que comentar sobre o desenho que fizeram e como eles viam o indígena. A maioria das respostas foi de que o indígena é alguém que mora na aldeia, vive da caça e da pesca, possui sua própria cultura e tradição, usa arco e flecha e possui sua própria linguagem. Essas respostas sugerem que os alunos têm uma visão limitada e romantizada sobre cultura indígena, focada em aspectos tradicionais e estereotipados, indicando uma falta de conhecimento sobre a diversidade e complexidade da cultura indígena contemporânea.

Para contextualizar a discussão com a turma, foi realizada uma recapitulação sobre o contexto histórico da chegada dos portugueses no Brasil, dando ênfase ao olhar do indígena

sobre esse processo. Durante a discussão destacou-se não se tratar de uma “descoberta”, mas sim de “uma invasão dos europeus” que trouxeram consequências devastadoras para os povos originários. Esses povos foram silenciados, violentados e obrigados a se submeterem ao trabalho escravo e à exploração dos recursos naturais presentes no Brasil. Em seguida, foi explicado a mudança do termo “índio” para “indígena”. O termo “índio” foi dado pelos portugueses quando chegaram ao Brasil, pois pensavam ter chegado às Índias. Como disserta a escritora Mancini (2009, p. 183):

O termo “índio” em si já carrega uma generalização criada no passado para rotular os habitantes das “Índias” onde os “descobridores” europeus pensaram estar chegando quando chegaram à América. Porém, visto que a categoria genérica de “índio” tem sido apropriada pelos próprios indígenas brasileiros enquanto instrumento de lutas.

Esse termo carrega consigo o peso de todos os sofrimentos enfrentados pelos indígenas, cuja cultura foi drasticamente alterada. Por outro lado, o termo “indígena” traz reconhecimento e valorização dos povos indígenas, mostrando respeito e consideração pela sua identidade e cultura.

Em seguida, discutimos sobre a importância da Literatura Indígena como ferramenta de resistência e desconstrução de preconceitos e estereótipos. Foi constatado que eles não tinham contato com nenhuma obra de natureza indígena e não conheciam nenhum escritor indígena. Essa discussão foi fundamental para fazer com que os alunos reconheçam a importância dos povos indígenas para a construção da nossa identidade cultural. Foi destacado que os indígenas não estão limitados apenas às suas aldeias, mas estão presentes em diferentes contextos da sociedade.

Para isso, foram mostradas imagens de indígenas atuando em diversas áreas, como: advogado, professor, político, escritores reconhecidos pela Academia Brasileira de Letras, o indígena na universidade, entre outros. As referidas imagens demonstraram a contribuição dos indígenas para a sociedade, isso ajudou a promover o reconhecimento e valorização da presença dessas pessoas em nossa cultura e para a desconstrução de estereótipos formados pelo colonizador. Para finalizar, realizou-se uma breve descrição da biografia do escritor Elias Yaguakag e de sua obra “Tikuã e a origem da anunciação”. Essa apresentação permitiu que os alunos conhecessem um pouco mais sobre a Literatura Indígena e sua importância cultural.

O segundo momento da oficina consistiu na leitura da obra “Tykuã e a origem da anunciação”. Durante a leitura, os alunos demonstraram atenção e interesse, e ao final

expressaram ter apreciado a obra, especialmente por se tratar de uma narrativa que traz o contexto indígena. Para aprofundar a compreensão da obra, a turma foi dividida em quatro grupos de cinco pessoas para participarem do “jogo tabuleiro literário”. As perguntas sobre a obra lida permitiram avaliar a atenção e compreensão dos alunos, que demonstraram a capacidade de responder com clareza e precisão.

Para finalizar a oficina, foi realizada a dinâmica “fato ou *fake* sobre os povos indígenas”. Nessa atividade, os alunos tiveram que identificar se as frases lidas eram fato ou *fake*. Nessas frases, continha falas de preconceitos e estereótipos sobre os povos indígenas e outras de reconhecimento e valorização da cultura indígena. Uma vez lida a frase, os alunos tinham que levantar a plaquinha dizendo se aquela frase era fato ou *fake*.

A maioria das respostas foi correta, demonstrando que os alunos haviam mudado sua perspectiva sobre os povos indígenas ao longo da oficina. Conforme as observações feitas no início e no final da oficina, foi possível observar uma mudança significativa em sua perspectiva sobre os povos indígenas. Inicialmente, eles demonstraram uma visão tradicional e estereotipada, mas ao longo da oficina, essa visão foi sendo desconstruída, permitindo que os alunos passassem a ter um olhar mais crítico e respeitoso sobre a cultura indígena.

### **3.2 OFICINA: A ARTE INDÍGENA COMO FORMA DE RESISTÊNCIA E AFIRMAÇÃO CULTURAL**

A arte indígena é uma expressão artística e cultural de resistência, possui um significado muito importante para os indígenas, pois através de sua arte podem trazer visibilidade e reconhecimento para a sua cultura. A arte é um meio de preservar sua identidade e tradição, através dela os povos originários podem mostrar a importância do conhecimento ancestral, rompendo com a marginalização, desconstruindo preconceitos e estereótipos. Sobre o valor da arte indígena, a autora sintetiza:

A arte impregna todas as esferas da vida do indígena brasileiro. A casa, a disposição espacial da aldeia, os utensílios de provimento da subsistência, os meios de transporte, os objetos de uso cotidiano e, principalmente, os de cunho ritual estão embebidos de uma vontade de beleza e de expressão simbólica. Estas características transparecem quando se observa que o índio emprega mais esforço e mais tempo na produção de seus arte fatos que o necessário aos fins utilitários a que se destinam; e quando passa horas a fio ocupado na ornamentação e simbolização do próprio corpo (Ribeiro, 1989, p. 101).

Para fabricação dessas artes são utilizados os recursos naturais que são extraídos diretamente da floresta, como por exemplo as sementes e penas de pássaros que são utilizadas

para fazer adereços como brincos, colar, pulseiras, os frutos como o urucum e o jenipapo são utilizadas para fazer tintas que são usadas na pintura corporal, a argila é utilizada na produção de panelas e outros objetos e dentre esses recursos tem a palha, o bambu, a fibra da juta, entre outros.

No primeiro momento da oficina, foi contextualizado com os alunos sobre o que é a arte indígena e sua importância para os povos originários, em seguida foi falado sobre algumas artes como: a cerâmica, a pintura corporal, a cestaria, a arte plumária, o cocar, a música e dança. A cerâmica indígena, é produzida através da argila e utilizada para fabricação diversos objetos como: potes, esculturas e vasos para guardar alimentos e água, entre outros. Geralmente esses objetos são feitos para uso práticos do dia ou na utilização de rituais, a cerâmica é uma arte milenar que está presentes em diversas tribos indígenas do Brasil e carrega um significado cultural e ritualístico, geralmente ela é encontrada em escavações arqueológicas que podem comprovar a longa história de existência dessa arte. A cerâmica é decorada com desenhos indígenas que tem um significado cultural e simbólico, de cores naturais como o vermelho e branco.

A pintura corporal, é como se fosse a segunda pele dos indígenas e faz parte da sua identidade, sendo importante para transmitir a história e os valores da sua cultura, ela simboliza o pertencimento à determinada comunidade indígena.

A pintura corporal, neste nível geral de significado, corresponde realmente à imposição de uma segunda ‘pele’ social sobreposta à pele biologicamente desnudada do indivíduo. Esta segunda pele de padrões culturalmente estandarizados exprime simbolicamente a ‘socialização do corpo humano a subordinação dos aspectos físicos da existência individual ao comportamento e valores sociais comuns (Ribeiro, 1989, 102).

Alguns povos indígenas utiliza a pintura para se proteger contra os espíritos malignos ou para atrair energia positiva. Cada desenho possui um significado específico que é utilizado em ocasiões específicas como festas, rituais, casamentos, passagem do jovem para a idade adulta, entre outras. A tinta pode durar de 15 a 20 dias.

A máscara indígena, possuem um simbolismo sobrenatural para os povos indígenas porque elas podem representar seres sobrenaturais ou antepassadas. As máscaras são feitas de cascas de árvores ou outros materiais como palha e cabaças, e podem ser decoradas com plumagem e pintadas com símbolos indígenas. A cestaria é uma prática ancestral dos indígenas

que é feito de palha, cipó, bambu e outras planta. A prática desse artesanato está presente em diversas comunidades indígenas e representa uma rica tradição cultural e econômica.

A arte plumária é produzido pelos homens que seguem um ritual específico que vai desde a coleta das penas, a preparação e montagem das artes plumárias. A arte plumária possui uma grande diversidade de formas, cores e significado dependendo da etnia indígena e do contexto cultural. Elas podem representar conceitos como beleza, força, status social e conexão com o mundo espiritual, representando a identidade indígena que é um dos patrimônios cultural do Brasil e principalmente da região amazônica, na fabricação de adereços indígenas, cocar, adornos, entre outros.

A coroa do cocar indígena significa a centralidade dos pensamentos, as pontas das penas simbolizam que o homem precisa ter flexibilidade, ou seja, ele tem que saber se adaptar as diversas situações do dia a dia, o formato aberto do cocar simboliza a busca por novos conhecimentos e experiências. O cocar geralmente é utilizado pelos líderes indígenas como cacique, guerreiros e pajés.

A música e dança fazem parte da cultura indígena, através das músicas e danças os indígenas contam a sua história, trazem representatividade para a sua cultura e identidade. As danças são utilizadas em rituais ou outras festividades indígenas. As artes indígenas têm um significado para os povos indígenas e não deve ser usado de qualquer forma, devem ser respeitadas e valorizadas, pois todas as artes autóctones trazem representatividade para a cultura dos povos originários, reforça sua identidade e traz visibilidade e reconhecimento para a sua cultura e contribuindo para a desconstrução de preconceitos e estereótipos.

No segundo momento foram escolhidas algumas poesias de escritores indígenas, como: Márcia Kambeba (2020), Eliana Potiguara (2022), Tiago Hakiy (2015). Selecionou-se poesias diferenciadas que abordavam diferentes temáticas como a resistência, identidade, a importância dos mitos e lendas, os costumes e tradições dos indígenas, crítica à colonização, grafismo indígena, crítica aos preconceitos e estereótipos, ancestralidade, a importância de preservar e cuidar do meio ambiente, entre outras temáticas que acabaram contribuindo com o que foi falado durante as oficinas.

Durante a leitura das poesias foi possível observar que a maioria dos alunos mostraram domínio da leitura e uma minoria apresentou um pouco de dificuldade na leitura e em relação a compreensão do que foi lido a maioria conseguiu compreender o que o poema quis repassar e identificaram a importância da cultura indígena.

No terceiro momento realizou-se a atividade “Cocar literário”. Nesta atividade distribuiu-se para cada aluno uma pena para que eles produzissem um texto sobre o que mais

chamou a atenção deles durante as oficinas. Em seus textos, os alunos escreveram sobre o grafismo indígena, a cerâmica, cultura, mitos e tradições, a importância dos indígenas, seus hábitos, entre outras questões. Em seguida os alunos colaram as penas na cartolina, formando O Cocar Literário. Por fim, foi exposto para a turma o cartaz com o cocar literário.

### 3.3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS (ESTUDANTES)

Para a análise do questionário, foi produzido seis perguntas abertas sobre a literatura indígena. Optou-se por aplicar esses questionários para a turma do 8º ano “B” de uma escola pública de Parintins-Am, totalizando 20 alunos matriculados, sendo que frequentando assiduamente se apresentavam 19 alunos no dia da aplicação do questionário.

Durante a aplicação do questionário com os 19 alunos, foi possível observar que a maioria deles conseguiu responder o questionário e uma minoria só que não conseguiu compreender algumas perguntas e pediu para que explicasse para eles o que tinham que responder. Notou-se que alguns alunos apresentaram dificuldade na leitura e interpretação textual. Tal fato chamou bastante atenção levando em consideração que as perguntas não possuíam um grau tão elevado de dificuldade. Rocha (2015), afirma:

Tais dificuldades podem estar relacionadas ao foco que se dá nas aulas de língua materna, quando, por exemplo, prioriza-se o ensino de gramática de forma descontextualizada, deixando-se o trabalho com a leitura em segundo plano. Neste sentido, trabalhar a interpretação de textos é dever de todos os educadores, pois, a habilidade de compreender e dar sentido em textos de diversos contextos é essencial em qualquer disciplina, desde Português até Matemática. Outra questão a ser discutida em relação à dificuldade de compreender o que está sendo lido é a falta de interesse por parte dos alunos no momento da leitura, ou seja, a desmotivação, por isso, o hábito da leitura é importante, pois ela está presente no nosso dia a dia, desde o instante em que começamos a compreender o mundo ao nosso redor, ou seja, ela está presente em, praticamente, todos os momentos da nossa vida (Rocha 2015, p. 2).

Partindo dessas observações, percebemos que a falta de hábito da leitura traz diversas consequências para os alunos que muitas das vezes sentem dificuldades em desenvolver determinadas atividades que são propostas pelo professor, assuntos que na maioria das vezes são simples de se interpretar, mas que para o aluno se torna algo dificultoso de ler e decodificar, outros casos se dão pela falta de concentração ou devido a trajetória de ensino anterior que não soube lidar com essas dificuldades. Uma solução para reverter essa dificuldade seria necessário que o professor como optasse por trabalhar mais com a literatura em sala de aula, pois através da leitura os alunos ampliariam o seu conhecimento sobre determinados conteúdos e isso

facilitaria na leitura e interpretação, mas é claro que para que a leitura seja eficaz o professor deve mediar a leitura indagando o aluno sobre a sua percepção e compreensão da obra lida, a leitura é um meio de trazer a humanização ao leitor e reverter a ignorância.

Por questões éticas de preservação da identidade os nomes dos alunos foram substituídos por nomes fictícios de alguns escritores indígenas. Optou-se por essa escolha também com intuito de trazer visibilidade e valorização para esses escritores indígenas, como forma de inspirar outros leitores a conhecer a Literatura Indígena, que é muito importante porque aborda as temáticas que estão presentes na nossa cultura e são essenciais para conhecermos a história dos povos indígenas. De acordo com Sicsú (2024), a escrita de autoria indígena visa:

Quando os (as) escritores (as) indígenas contemporâneos (as) recorrem aos mitos, aos cânticos e às lendas de seu povo e buscam transmitir essas manifestações de conhecimento à outra cultura, pressupõe-se que mostram consciência e respeito da escrita como manifestação transformadora. [...] reconhecer a propriedade intelectual indígena implica respeitar as várias fases de sua manifestação. Isso quer dizer que a noção do coletivo não está dissociada do livro individual de autoria indígena; nunca esteve, muito menos agora com a força do pensamento indígena configurando diferenciadas (os) estantes e instantes da palavra (Graúna, 2013 apud Sicsú, 2024, p. 23).

Neste sentido, torna-se crucial o estudo de obras de autoria indígena para que possamos conhecer a sua identidade e a importância dos valores que os povos originários carregam consigo. Nesse contexto, a literatura atua como um meio de resistência e valorização para que essas vozes sejam ouvidas e assim reverter o silenciamento e a invisibilidade.

A primeira pergunta foi se os alunos já tiveram a oportunidade de ler alguma obra ou texto de autoria indígena, se sim eles tinham que responder qual foi a experiências deles com essas obras.

**Quadro: 1 – Resposta dos alunos**

ALUNOS	RESPOSTAS
Márcia Kambeba	Sim, minha experiência foi muito legal quando eu comecei a ler, eu me imaginei como se eu estivesse lá vendo tudo de perto.
Daniel Munduruku	Sim, eu li o livro indígena “Ajuricaba o caudilho das selvas”, eu percebi que o autor

	se aprofunda que ele fala dos indígenas quando os portugueses descobriram o Brasil.
Yaguarê Yamã	Nunca tive a experiência de ler alguma obra literária ou texto escrito por nenhum autor indígena.

**Fonte:** Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

Diante disso, dos 19 alunos que responderam 13 alunos responderam que não tiveram o contato com as obras ou textos de autoria indígena e 6 alunos afirmaram que sim, já tinham lido, a falta de acesso a essa literatura se dá devido ao fato de não ser disponibilizado ou trabalhado a literatura indígena na sala de aula. Foram selecionadas apenas três respostas dos alunos e com base nessas respostas constatou-se que grande parte dos alunos não teve contato com obras ou textos escritos por autores indígenas. Inclusive dois alunos relataram que na escola não é disponibilizado essas obras para ser trabalhado na sala de aula e muito menos é trabalhado essa temática pelos professores devidos ser difícil o acesso a obras dessa natureza que deveriam ser disponibilizadas nas bibliotecas da nossa região, justamente por elas abordarem o contexto da nossa região, falar da nossa cultura, nosso linguajar, nossos hábitos, crenças e tradições que tiveram influência da cultura indígena.

A maioria dos alunos como Yaguarê Yamã, afirmaram que nunca tiveram a experiência de ler obras de autoria indígena, no entanto, alguns alunos embora minoria afirmaram que já tiveram acesso a essas obras como é o caso dos alunos Daniel Munduruku e Márcia Kambeba, que relatam um pouco da sua experiência com a leitura. A aluna Kambeba afirmou que quando leu conseguiu imaginar como se estivesse presenciando o que estava acontecendo, mediante essa resposta percebemos que a leitura é capaz de trazer impactos significativos para os alunos. Sobre isso, a escritora comenta sobre o primeiro contato do aluno com literatura indígena:

A arte de escrever tem contribuído para que nas aldeias os povos catalogassem narrativas contadas pelos mais velhos e que, depois de serem transformadas em livro, as crianças na sala de aula conseguissem se imaginar nesse universo pela escuta e leitura dessas narrativas. Ela nos dá possibilidades para que, fora da aldeia, alunos e pessoas possam se aprofundar em determinado assunto ou mesmo saber como cada povo vive, resiste e defende seu território (Kambeba, 2018 apud Sicsú 2024, p. 9).

Como vemos, as obras indígenas apresentam um universo mágico dos povos originários que nos permite adentrar a fundo na temática e refletir que ela não é apenas algo sem sentido

mais carregado de significados com grande relevância para a formação social, cultural e humana do indivíduo, fazendo com que o aluno construa o seu próprio ponto de vista versando a desconstrução de termos pejorativos que ainda se fazem presentes no nosso cotidiano.

Deste modo, comparando as duas respostas notou-se que os alunos demonstraram uma experiência positiva em relação à leitura, emergindo no mundo literário e compreendendo o que o autor quer repassar. Isso mostra a grande influência que a leitura pode exercer na vida desses leitores contribuindo para estes tornarem-se leitores críticos e conscientes de si e do mundo. A segunda pergunta buscou saber como os alunos percebem a presença e a contribuição dos povos indígenas na sociedade.

**Quadro 2:** Respostas dos alunos

<b>ALUNOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Eliane Potiguara</b>	Eles preservam o meio ambiente, a floresta, os animais e eles contribuem no conhecimento do Brasil.
<b>Sônia Guajajara</b>	Todos nós temos um pouco de traços indígenas eu particularmente tenho uma bisavó que é indígena só que não levamos o mesmo sobrenome que ela tem.
<b>Ailton Krenak</b>	Os povos indígenas contribuíram bastante com a criação de remédio cem por cento naturais, com ingredientes encontrado na floresta.

**Fonte:** Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

De acordo com as respostas, os alunos apresentaram perspectivas diferentes em suas respostas em relação a presença do indígena na sociedade. A aluna Eliane Potiguara reconhece a importância do indígena para preservação do meio ambiente e no conhecimento cultural. Sugerindo que devemos reconhecer e valorizar a cultura indígena, pois eles se fazem presentes na nossa sociedade. Na perspectiva de Cosson (2006), a literatura não serve apenas para ler e escrever, mas para formar culturalmente o indivíduo, ou seja, ela nos conceitua sobre quem somos e nos faz conhecer mais a fundo a nossa origem ancestral.

Na perspectiva da aluna Sônia Guajajara, a presença dos indígenas se destaca em relação a nossa identidade. Percebe-se que a aluna possui uma visão de pertencimento afirmando que nós temos traços da cultura indígena. A aluna até enfatiza que ela tem uma avó que é indígena e adota uma posição de reconhecimento da contribuição dos povos originários para a nossa identidade nacional e valoriza a cultura indígena. Ailton Krenak, percebe a contribuição dos indígenas na medicina, em que ele retrata que os indígenas contribuíram significativamente no ensino de remédios naturais, utilizando dos recursos retirados da floresta, o aluno demonstra reconhecer a importância da sabedoria milenar indígena. Todas as respostas reconheceram a contribuição e presença dos indígenas na sociedade, apesar de ser de formas distintas. Essas respostas demonstram que os alunos possuem uma compreensão multifacetada sobre as contribuições dos indígenas para a sociedade. Em seguida, a terceira pergunta está relacionada a importância dos povos indígenas na formação da nossa cultura e identidade nacional.

**Quadro: 3** – Resposta dos alunos

<b>ALUNOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Elias Yaguakãg</b>	A importância deles é que eles protegem a floresta, os animais e as águas do homem, eles são os protetores da floresta, eles que começaram a história no Brasil.
<b>Lia Minápoty</b>	A importância é que eles trazem vários ensinamentos como remédios, comidas da cultura indígena como: farinha, mandioca, tucumã e receitas naturais e ervas.
<b>Tiago Hakiy</b>	A cultura deles é muito importante e influencia muito na cultura Parintinense e também nas lendas urbanas, na culinária. Os povos indígenas contribuem para relatar nossa origem e nossos antepassados.

**Fonte:** Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

De acordo com as respostas, os alunos enfatizaram sobre a importância dos povos indígenas na construção da nossa cultura e identidade. O aluno Elias Yaguakãg destacou a importância dos indígenas como guardiões da floresta e reconhece sua importância na formação deles para preservar os animais e o meio ambiente, e a importância deles na formação do povo brasileiro.

Já a aluna Lia Minápoty, percebe a importância dos alunos para a construção da nossa identidade, contribuindo no ensino dos remédios naturais, ervas medicinais e na culinária regional. Por último, o aluno Tiago Hakiy percebe a importância deles para a construção da cultura Parintinense, nas lendas urbanas, através da Literatura Indígena eles podem contar a história da origem e a ancestralidade do povo brasileiro e desconstruir preconceitos e estereótipos, Tiago destaca o vínculo profundo entre a identidade cultural e histórica. Contudo, todos os alunos reconhecem a relevância dos povos indígenas na formação da nossa identidade cultural brasileira. Em seguida, a quarta pergunta a qual tratou sobre a importância de a Literatura Indígena ser trabalhada na sala de aula.

**Quadro: 4-** Resposta dos alunos

<b>ALUNOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Truduá Dorrico</b>	É muito bom que a gente aprende sobre eles para não termos preconceitos com os indígenas
<b>Kaká Werá</b>	Porque nós estudantes não temos muito acesso de livros escritos por indígenas e também para nós conhecermos mais sobre eles.
<b>Davi Kopenawa</b>	Bom a Literatura Indígena deve ser respeitada, para mim a literatura na sala de aula é muito importante para mim aprender mais sobre os indígenas.

**Fonte:** Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

Em relação ao ensino da Literatura Indígena na sala de aula, notou-se que grande parte dos alunos reconhecem a importância dessa literatura ser trabalhada na sala de aula, pois eles afirmaram que através das aulas poderiam se aprofundar mais no conhecimento sobre esses

povos e isso contribuiria para que eles mudassem o seu ponto de vista sobre os povos indígenas. Dessa forma, traria conscientização, respeito e valorização desses povos, desconstruindo preconceitos. Nesse sentido, Sicsú (2024), enfatiza:

Apesar de ser considerada uma literatura nova, a literatura indígena existe há muito tempo pela oralidade, e é através dessa oralidade que a literatura ora citada retrata o modo de ver e pensar o mundo dos povos nativos. A Literatura indígena constrói desconstrói nossas percepções a respeito de algo, instigando-nos a ter um olhar clínico sobre conceitos que falam do que somos e como essa ressignificação tem a ver com a nossa identidade (Sicsú, 2024, p. 2).

Como vimos, os povos indígenas utilizam a oralidade para ressignificar a sua história que durante muito tempo ficou esquecida, e é na oralidade que eles encontram forças para resistir a marginalização e opressão, por meio da escrita é construído e desconstruído a nossa percepção de mundo. Para a aluna Dorrico, o ensino da Literatura Indígena na sala de aula pode contribuir significativamente para trazer a conscientização aos alunos sobre a visão tradicional que eles têm sobre o indígena. Essa conscientização é fundamental para mudar a percepção errônea e estereotipadas que muitas vezes é associada aos povos indígenas. A Literatura Indígena surge como uma ferramenta capaz de mudar o cenário de preconceitos e estereótipos para um cenário de respeito e valorização. Conforme descreve o autor:

Embora haja uma expressiva população indígena em nosso país, um aspecto a considerar são as ideias errôneas, estereotipadas e, conseqüentemente, preconceituosas que circulam no senso comum a respeito dos indígenas. Muitos preconceitos recorrentes no Brasil foram originados pela própria historiografia sob a influência do etnocentrismo europeu o qual marcou por muito tempo a historiografia ocidental e, particularmente, a brasileira (Troquez, 2005 *apud* Mancini, p. 185).

Essa afirmação destaca a importância de abordar essas questões de forma crítica e reflexiva. Nesse sentido, a melhor maneira de se fazer essa conscientização é levando a Literatura Indígena para sala de aula. Ao incluir obras indígenas no currículo escolar, os alunos podem ter acesso a perspectivas e experiências que desafiam visões tradicionais e estereotipadas. Isso pode contribuir para uma maior compreensão e respeito pela cultura indígena, além promover uma educação mais inclusiva e diversa. Outros alunos assim como Kaká Werá, afirmaram não ter acesso a obras indígenas por não ser disponibilizado na sala de aula, mas que gostariam de ler essas obras para conhecer mais a fundo sobre a cultura e diversidade dos povos indígenas.

Em seguida a quinta pergunta questiona, de que forma a Literatura Indígena pode influenciar na construção da sua identidade e visão de mundo?

**Quadro: 5** – Resposta dos alunos

<b>ALUNOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Ely Macuxi</b>	Porque os europeus vieram pro Brasil e não foram vistos como uma sociedade, então eu acho que devemos retribuir o que não fizeram por eles no passado e incluir na sociedade como eles merecem. Com respeito e muito amor.
<b>Edson Krenak</b>	Ela influência no hábito e na forma de como a gente vive, como o hábito da pesca, da caça, a medicina e o artesanato.
<b>Auritha Tabajara</b>	Tem gente que tem preconceito com os indígenas, mas somos todos iguais e não podemos ter preconceitos com eles porque eles são pessoas igual a nós.

**Fonte:** Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

Conforme as respostas dos alunos, notou-se que as respostas embora tratem de ponto de vista diferentes, elas apresentam uma semelhança em relação ao pensamento de igualdade de tratar os povos indígenas com igualdade e respeito. A aluna Ely Macuxi, enfatiza sobre a importância de inserir os povos indígenas na sociedade, pois eles já estavam aqui muito antes da chegada dos europeus no Brasil e na época foram tachados como seres inferiores e sua cultura foi desrespeitada. A inclusão desses povos na sociedade seria uma forma de tentar corrigir as injustiças sociais, a aluna enfatiza o amor e respeito como fundamento para a construção identitária.

Na visão de Edson Krenak, a Literatura Indígena influencia diretamente os hábitos e modo de vida, como pesca, caça, medicina e artesanato. Isso sugere que a literatura não é apenas uma forma de arte, mas também um meio de transmitir conhecimentos práticos e culturais que moldam a identidade do povo indígena. Através dela ampliamos o nosso conhecimento e descobrimos a origem dos nossos hábitos.

De outro modo, a aluna Auritha Tabajara chama a atenção para o olhar de preconceito que muitas pessoas ainda tem sobre os indígenas. No entanto, ela argumenta pela igualdade entre todos os seres humanos. A resposta dela sugere que a literatura pode ajudar a dismantelar estigmas e preconceitos, promovendo uma visão mais inclusiva e igualitária. Em resumo os alunos reconhecem a Literatura Indígena como uma ferramenta de respeito, inclusão e igualdade. Por último, a sexta pergunta está relacionada sobre quais as mudanças e impactos que os alunos tiveram após participar das oficinas sobre a Literatura Indígena.

**Quadro: 6** – Resposta dos alunos

<b>ALUNOS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>Olívio Jekupé</b>	Muitas coisas como conhecimento, ter respeito, saber sobre os indígenas e sobre a sua cultura.
<b>Janice Cristine Thiél</b>	Depois de participar da oficina sobre a Literatura Indígena, me ajudou a conhecer sobre os povos originários e saber que eles têm muita importância na nossa cultura.
<b>Cristino Wapichana</b>	Foi conhecer mais sobre sua cultura, rituais, suas religiosidades, ter mais respeito com os povos originários, valorizar as tribos indígenas e sua ancestralidade.

**Fonte:** Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

O aluno Olívio Jekupé e Janice Thiél, responderam que os impactos que tiveram ao participar das oficinas foi de ampliar o seu conhecimento sobre os povos indígenas e compreender a importância deles para a construção da nossa identidade, e Cristino Wapichana também teve o mesmo impacto, mas ele enfatiza a importância de respeitar e valorizar esses povos e a sua ancestralidade.

De acordo com as respostas dos alunos percebemos a importância de levar a literatura indígena para sala de aula, que acaba enriquecendo a compreensão da história e

identidade brasileira, levando-os a adotar uma atitude ética e humanizada sobre os povos originários e capaz de promover a inclusão dessa literatura na sala de aula.

### **3.4 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS (PROFESSORAS)**

Para que a Literatura Indígena seja inserida na sala de aula é importante compreendermos o ponto de vista daqueles que possuem um papel fundamental na educação, os professores. Diante disso, optou-se por fazer aplicação de questionário para duas professoras de uma escola pública de Parintins-Am. O questionário contou com um total de 6 perguntas, sendo que três delas foram para conhecer o perfil do professor, como: Formação acadêmica, tempo de experiência na sala de aula e outra se elas já tiveram alguma formação na área da Literatura Indígena ou alguma disciplina destinada ao estudo dessa literatura. As outras três foram direcionadas ao ensino da Literatura Indígena na sala de aula.

A Professora 1, possui formação em Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa, com especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Atua como professora de Língua Portuguesa há 23 anos, a professora relatou que durante sua trajetória acadêmica não teve formação específica ou disciplina que trabalhasse a Literatura Indígena.

A Professora 2, possui formação em Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa. Atua há 15 anos como professora de Língua Portuguesa, em relação a terceira pergunta ela relatou que não teve disciplina específica que trabalhasse a Literatura Indígena, ela fez apenas a leitura de obras e análises das mesmas.

Diante disso, percebemos uma falha por não incluir a Literatura Indígena como disciplina obrigatória no currículo acadêmico, considerando que são trabalhadas diversas literaturas no curso, como: Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Latina, Literatura Panamazônica, entre outras. No entanto, a literatura indígena que devia ser trabalhada como disciplina obrigatória também não foi.

Em seguida, a quarta pergunta procurou saber se as professoras já trabalharam a Literatura Indígena na sala de aula, se sim tinham que responder quais textos ou autores foram utilizados.

**Quadro: 7** – Resposta das Professoras

<b>PROFESSORAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Professora 1	Trabalho a influência indígena na cultura brasileira abordando o vocabulário, lendas, contos e etc. Há poucos e quase nada de obras literárias em nossa biblioteca.
Professora 2	Sim, contos da floresta – Yaguarê Yamã e histórias de índio – Daniel Munduruku.

**Fonte:** Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

A professora 1, destaca sobre a limitação significativa para se trabalhar a Literatura Indígena, pois na escola os professores não podem contar com o auxílio dessas obras. É, pois um desafio a ser superado. Mas apesar dos desafios a professora trabalha “a Influência Indígena na Cultura Brasileira”, focando no vocabulário, lendas e contos.

A professora 2, afirma que sim trabalha com a Literatura Indígena na sala de aula, especificamente trabalhando os “Contos da Floresta” de Yaguarê Yamã, isso mostra que ela não se limita as barreiras do ensinar e sim busca maneiras criativas para superar os desafios e proporcionar uma experiência única para seus alunos, trabalhando com o contexto vivenciado pelos alunos e trazendo representatividade para a cultura indígena.

Em suma, concluímos que para mudarmos o pensamento estigmatizador/opressor do povo brasileiro, faz-se necessário tomarmos uma atitude de posicionamento através da literatura, abrindo espaço para que essa literatura seja trabalhada na sala de aula, levando o aluno a conhecer a diversidade cultural dos povos originários. Como é o caso das duas professoras que foram entrevistadas, elas exercem uma atitude de posicionamento ao levar a literatura indígena como ferramenta pedagógica para ser trabalhado na sala de aula, pois elas percebem a importância que esses textos têm com um valor cultural da identidade do povo brasileiro, refletindo sobre a nossa cultura e ancestralidade. Na quinta pergunta, foi questionado sobre os principais desafios enfrentados para se trabalhar a Literatura Indígena na sala de aula e como superar esses desafios.

**Quadro: 8** – Respostas das Professoras

<b>PROFESSORAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Professora 1	A ausência de livros de Literatura Indígena e também livros didáticos a ausência é visível. Investir mais na compra de livros de Literatura Indígena.
Professora 2	Um dos desafios seria encontrar livros e textos, há poucos na biblioteca e os que têm estão danificados, o ideal seria ter um acervo na escola e acesso a essas obras, o que facilitaria o contato e nos ajudaria a desenvolver um bom aliado a Literatura Indígena.

**Fonte:** Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

A Literatura Indígena é pouco representada na sala de aula e muito menos valorizada, um dos motivos que causa esse apagamento é a falta de investimento da escola para compra de livros de autores indígenas, apenas é contornado essa lacuna com fragmentos dessas obras presentes no livro didático que não possui tanta riqueza de informações como as obras físicas, até mesmo obras digitais encontramos pouquíssimos que são disponibilizados de forma gratuita na internet, os professores fazem o que podem para superar esse desafio e garantir um ensino completo e diversificado, buscando estratégias para conseguir trabalhar essas temáticas na sala de aula. De acordo, com Santos (2017):

Nas escolas é comum o educador se deparar com a falta de livros da literatura indígena ou livros que versem sobre a temática indígena nas escolas, isso se dá pelo fato de que esta literatura não está incluída no planejamento educacional das escolas, no entanto, há esperanças que este cenário mude, já que em 2008 foi aprovada a lei 11.645, que pede a obrigatoriedade das temáticas indígenas e afro-brasileira na sala de aula (Santos, 2017, p 7).

Reforçando essa questão, na fala das professoras percebemos que apesar da escola não disponibilizar material necessário para trabalhar a Literatura Indígena na sala de aula, mesmo assim elas se empenham para de alguma forma levar um pouco do contexto indígena para sala de aula, o que já é um grande avanço na educação, visto que, nem todos os professores se

importam ou se interessam por trabalhar outras literaturas que não seja a literatura brasileira, ou melhor dizendo, a história da literatura brasileira que se resume ao estilo de época, contextos histórico, bibliografia do autor, entre outros.

Todavia, a obra em si não é destrinchada pelos alunos da forma que deveria ser, apenas é apresentado um pequeno fragmento da obra e resumido a história pelo professor que acaba expondo o seu ponto de vista sobre determinado assunto, ao invés de deixar com que o aluno construa o seu próprio ponto de vista. Por outro lado, quando essas obras são disponibilizadas os alunos acabam não dando relevância para ler essas obras, pois é muito mais fácil recorrer a resumos prontos na internet do que dedicar algumas horas para ler. Isso se dar devido à falta de hábito da leitura o que acaba trazendo serias consequências para eles na hora de fazer uma prova que exige leitura e interpretação.

Uma proposta para que essa literatura seja incluída nas escolas, seria importante que a direção escolar buscasse estabelecer uma parceria com as comunidades indígenas, para que essas obras sejam incorporadas no currículo e contar com o apoio da direção para adquirir recursos. Além disso, é importante que os professores estejam abertos a aprender e se capacitar mais sobre a literatura indígena. A sexta pergunta questionou, como a literatura pode contribuir para a formação do leitor crítico e consciente e para a construção da identidade.

**Quadro: 9 – Resposta das Professoras**

<b>PROFESSORAS</b>	<b>RESPOSTAS</b>
Professora 1	O povo brasileiro ler para conhecer suas raízes e origem. A maioria nega ou esconde nossa formação enquanto “povo brasileiro”, uma grande mistura, no qual o indígena é sempre visto como “inferior”, desprestigiado e com pouca contribuição cultural. Nega-se a sua importância, pois desconhecem.
Professora 2	Para a compreensão da cultura, língua e culinária indígena no nosso dia a dia, isso faz parte de quem somos. Faz com que os alunos entendam que nós brasileiros somos parte

	dessa identidade indígena e que isso é muito importante para o nosso crescimento como cidadão brasileiro.
--	---

**Fonte:** Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

A professora 1, faz uma reflexão sobre a importância da leitura no processo de construção do conhecimento e identidade, ela disserta que a leitura contribuir para que os alunos conheçam e ampliem o seu conhecimento sobre a história de formação do povo brasileiro e romper a ignorância para não nos deixarmos enganar. Em seguida, ela fala que muitas pessoas por não conhecer a sua origem acaba negando nossa formação enquanto povo brasileiro, o mesmo ocorre com os indígenas que muitas das vezes são desprestigiados pela sociedade e tidos como seres “inferiores”, sem saber a sua importância para a formação do povo brasileiro. Como ressalta a autora:

Um estudioso do comportamento indígena tem dificuldade em aceitar que tais equívocos ainda pairam sobre o imaginário brasileiro. Quando percebidos dessa forma a diversidade dos povos é banalizada, apagam-se as diferenças e passam a ser vistos somente como o “índio genérico”, como aponta Bessa Freire (2000). Esse tipo de olhar preconceituoso não se aplica somente a língua e a cultura, existe uma generalização, é como se eles não tivessem características individuais e fossem iguais (Souza, 2022, p. 77).

Neste cenário, percebemos muitos termos preconceituosos que retratam o indígena como atrasados, como se eles estivessem impregnados a um conceito estipulado pela sociedade que define sua personalidade. Já a professora 2, comenta sobre a importância dos indígenas para a construção da nossa identidade cultural, e para que os alunos reconheçam a sua identidade e conhecendo os povos indígenas contribuíra para o crescimento da nação brasileira. Portanto é importante que tomemos a iniciativa de compartilhar o nosso conhecimento sobre o indígena, para dessa forma mudar o pensamento romantizado do indígena e da sua cultura.

Diante disso, é interessante observar o ponto de vista das professoras que reconhecem a importância de trabalhar com a literatura indígena na escola, embora muitos professores sejam conscientes dessa importância, alguns não se esforçam para incluir essa literatura em suas práticas pedagógicas. É fundamental reconhecer que existem desafios, mas também é papel do professor buscar maneiras de superar esses obstáculos e levar a literatura para a sala de aula, os professores têm a responsabilidade de promover a diversidade cultural e literária na escola, isso inclui buscar obras de autores indígenas e exigir da direção investimentos em recursos para

apoiar essa iniciativa, ao fazer isso, os professores podem proporcionar aos alunos uma visão mais ampla e inclusiva da literatura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desse trabalho de conclusão de curso sobre “Importância da Literatura Indígena na manutenção da identidade cultural amazonense”, permitiu-me aprofundar mais na temática indígena e compreender a sua importância para a construção da nossa identidade cultural amazonense. Durante o desenvolvimento da pesquisa, pude compreender como a Literatura Indígena pode ser inserida como ferramenta didática no ambiente escolar e trazer mudanças e impactos para os estudantes. Além disso, conheci a realidade dos alunos e percebi as dificuldades enfrentadas pelos professores de Língua Portuguesa ao tentar levar a Literatura Indígena para sala de aula.

Através dessa pesquisa, tive a oportunidade de ter o contato com os alunos do 8º ano “B” e com duas professoras de Língua Portuguesa da mesma escola. Durante a pesquisa campo, foi constatado que os sujeitos da pesquisa não tiveram acesso às obras de autoria indígena e apresentaram uma percepção limitada e romantizada sobre os povos indígenas. No entanto, por meio das oficinas, os alunos passaram a conhecer mais sobre os povos indígenas e mudaram a sua perspectiva sobre os mesmos.

Para a primeira oficina foi escolhido o tema “Desconstruindo preconceitos e estereótipos”, devido ao fato de perceber que os alunos possuem uma visão limitada e romantizada sobre os povos indígenas e conseqüentemente a oficina seria o primeiro contato deles com tal literatura. Então diante disso, a primeira oficina seria dedicada a desconstruir preconceitos e estereótipos, fazendo uma recapitulação do contexto histórico e apresentando o indígena e a sua cultura sobre outro ponto de vista. Como resultados dessa oficina, percebemos que os alunos descreveram o indígena através da ótica do colonizador caracterizando como alguém que se limita a sua aldeia. No final da oficina eles tiveram um choque de realidade, percebendo que os indígenas estão inseridos na sociedade e desempenham diversos papéis importantes para a sociedade contribuindo significativamente na manutenção da nossa cultura e ancestralidade.

Na segunda oficina, decidiu-se trabalhar sobre “A arte indígena como forma de resistência e afirmação cultural”, visando que estamos inseridos em uma cidade que tem como cultura o festival folclórico dos bois “Garantido e Caprichoso” que exalta a cultura e ancestralidade dos povos originários e sua diversidade cultural. Devido a isso, são utilizadas diversas artes indígenas, no entanto, muitos usam e não tem conhecimento sobre o significado e relevância desses objetos para os povos indígenas, como o cocar, o grafismo indígena, os adereços, entre outros. Na segunda parte da oficina, os alunos tiveram contato com as poesias

de alguns escritores indígenas, no qual ficaram encantados com a riqueza presente nessas literaturas, como foi constatado na última parte da oficina onde eles tinham que produzir um pequeno texto sobre o que mais tinha chamado atenção deles na oficina, em que falaram um pouco sobre a sua experiência com a literatura indígena. O que foi percebido durante a participação dos alunos nas oficinas, foi que eles compreenderam e reconheceram a importância dos povos indígenas e da literatura indígena como uma ferramenta de resistência e também compreenderam o significado presente na arte indígena que deve ser reconhecido e valorizado, pois remete a identidade cultural dos povos indígenas.

Essa análise de dados trouxe resultados positivos com a participação e contribuição dos alunos e professores, que foram fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa. Concluindo, essa pesquisa é importante para entendermos a importância dos indígenas para a manutenção da nossa identidade cultural e visa refletir sobre o ensino da Literatura Indígena para o ambiente escolar. Portanto, é crucial que o professor crie oportunidades para levar o contexto indígena para sala de aula, como forma de trazer visibilidade e reconhecimento para os escritores do nosso contexto regional.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. /Silva, Paulo Hernandes Gonçalves da. (Orgs.) **Educação linguística em contextos interculturais amazônicos** Francisco Edviges Albuquerque / Paulo Hernandes Gonçalves da Silva (Orgs.) Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei 9394/96, 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 3. Ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: Teoria, Análise, Didática. 7ª edição. São Paulo: Moderna, 2000.
- CORREIA, Adriana de Oliveira. **O papel do professor como mediador da literatura indígena em sala de aula**. Linguagens & Cidadania, v. 21, jan./dez. 2019
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais** / Antônio Chizzotti. 9 Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.
- Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico** / organizadores Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel. – 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.) – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.
- YAGUAKAG, Elias. **Tykuã e a Origem da Anunciação**. Editora Rovel, Rio de Janeiro, 2014.
- Ensaio sobre fenomenologia**: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty / Antonio Balbino Marçal Lima (organizador). – Ilhéus, BA : Editus, 2014.
- MANCINI, Ana Paula Gomes; TROQUEZ, Marta Coelho Castro. **Desconstruindo estereótipos**: apontamentos em prol de uma prática educativa comprometida eticamente com a temática indígena. Tellus, ano 9, n. 16, jan./jun. 2009.
- NOBRE, Domingos. **De que bilinguismo FALAMOS na formação de professores?** Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

KAMBEBA, Márcia Wayna K15s *Saberes da floresta* / Márcia Wayna Kambeba. – São Paulo: Jandaíra, 2020.

*Literatura indígena: práticas leitoras para a sala de aula* / organizador Adriana Cristina Aguiar Rodrigues [et. Al.]. – Rio Branco: Nepan Editora, Edufac, 2023.

MORTATTI, M. R. *Entre a literatura e o ensino: a formação do leitor* [online]. São Paulo: Editora Unesp, 2018,

RIBEIRO, Berta G. *Arte indígena, linguagem visual*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989.

ROCHA, Tereza de Souza. *Dificuldades de interpretação de texto em sala de aula*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2015.

SANTOS, Gersen Luciano dos. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil*. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade Laced /Museu Nacional, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941 – *Metodologia do trabalho científico*/ Antônio Joaquim Severino. – 23. Ed. Ver. E atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SICSÚ, Delma Pacheco. SANTOS, José Benedito dos. “Márcia Kambeba: Vozes e memórias da floresta amazônica na poesia brasileira contemporânea”. In SICSÚ, Delma Pacheco. *A temática indígena em foco* / Organizadora Delma Pacheco Sicsú. – Ponta Grossa – PR: Atena, 2024.

SICSÚ, Delma Pacheco. SOUZA, Suane Souza. “A função política social na literatura indígena de Yaguare Yamã”. In SICSÚ, Delma Pacheco. *A temática indígena em foco* / Organizadora Delma Pacheco Sicsú. – Ponta Grossa – PR: Atena, 2024.

SILVA, Maria de Lurdes Ferreira da *Representação do indígena no festival folclórico de Parintins/Amazonas* / Maria de Lurdes Ferreira da Silva. 2017.

SIMAS, Hellen Cristina Picanço. *Letramento indígena potiguara*. / Hellen Cristina Picanço Simas; Regina Célia Mendes Pereira. Manaus: Editora Valer/Fapeam, 2012.

SANTOS, Francisco Bezerra dos. *Literatura da literatura indígena na sala de aula: Contribuições para o ensino*. Revista Científica da FASETE, 2017.

SOUZA, Maria Célia Gomes de. *A (in)visibilidade da literatura indígena em materiais didáticos*. / Maria Célia Gomes de Souza. – Porto Nacional, TO, 2022.

TINOCO, Paulo Coelho. *Leitor real e teoria da recepção: travessias contemporâneas*. Belo Horizonte, 2010.

**APÊNDICES****QUESTIONÁRIO LITERATURA INDÍGENA (ALUNOS)**

1. Você já teve a oportunidade de ler alguma obra literária ou texto escrito por um autor indígena? Se sim qual foi a sua experiência?

---

---

---

2. Como você percebe a presença e a contribuição dos povos indígenas na sociedade?

---

---

---

3. Qual a importância dos povos indígenas na formação da nossa cultura e identidade nacional?

---

---

---

4. Para você, qual a importância da Literatura Indígena ser trabalhada na sala de aula?

---

---

---

5. De que forma a Literatura Indígena pode influenciar na construção na sua identidade e visão de mundo?

---

---

---

6. Quais foram as principais mudanças e impactos que você teve após participar das oficinas sobre a Literatura Indígena?

---

---

---

**QUESTIONÁRIO LITERATURA INDÍGENA (PROFESSOR)**

1. Qual a sua formação na graduação e pós graduação?

---

---

---

2. A quanto tempo você atua como professor de Língua Portuguesa?

---

---

---

---

3. Durante a graduação você teve alguma formação ou disciplina específica sobre a Literatura Indígena?

---

---

---

---

4. Você já trabalhou a Literatura Indígena na sala de aula? Se sim quais textos ou autores utilizou?

---

---

---

---

5. Quais são os principais desafios enfrentados ao trabalhar a Literatura Indígena na sala de aula? E como superar esses desafios?

---

---

---

---

6. Como essa literatura pode contribuir para a formação do leitor crítico e consciente? E para a construção da identidade?

---

---

---

---

## ANEXOS

**(Oficina: Desconstruindo Preconceitos e Estereótipos)**

Figura 1 – Desenho do Indígena



**Fonte:** Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

Figura 2 – Jogo Tabuleiro Literário



**Fonte:** Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

Figura 3 – Fato ou Fake dos povos indígenas



**Fonte:** Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

## Oficina: Arte indígena como forma de resistência e afirmação cultural

Figura 4 – Roda de Leitura



Fonte: Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

Figura 5 – Produção de texto



Fonte: Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

Figura 6 – Montagem do Cocar Literário



Fonte: elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

Figura 7 – Cocar Literário Finalizado



**Fonte:** Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

Figura 8 – Finalização da oficina



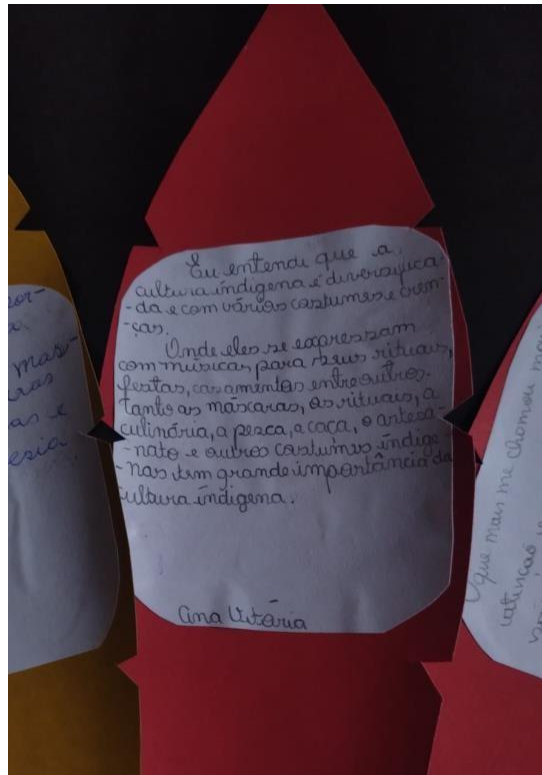
**Fonte:** Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

Figura 9 – Finalização da oficina



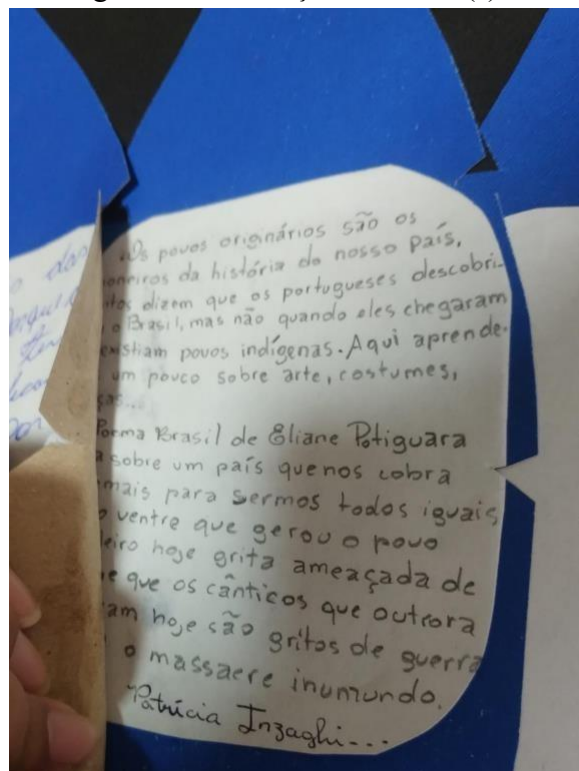
**Fonte:** Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

Figura 10 – Produção do aluno (a)



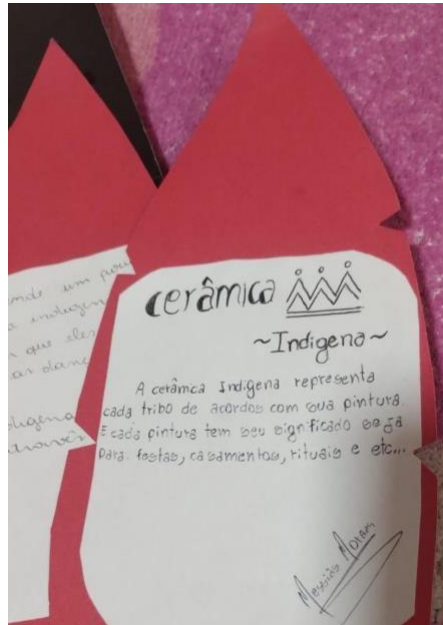
Fonte: Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

Figura 11 – Produção do aluno (a)



Fonte: Elaborada pela própria autora, Marialva (2025).

Figura 12 – Produção do Aluno (a)



Fonte: Elaborada pela própria autora, (2025).